1290002769
FE
TCC/UNICAMP P414n

ADILMA DO NASCIMENTO PEREIRA

NARRATIVAS NÃO VERBAIS ATRAVÉS DA PRODUÇÃO DE SENTIDOS DA IMAGEM IMPRESSA DE ASSASSINOS NA REVISTA VEJA

Campinas

2006

[illegible] OTECA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

NARRATIVAS NÃO VERBAIS ATRAVÉS DA PRODUÇÃO DE SENTIDOS DA IMAGEM IMPRESSA DE ASSASSINOS NA REVISTA VEJA

Adilma do Nascimento Pereira

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte dos requisitos para aprovação no curso de Pedagogia, sob orientação do Prof. Dr. Carlos Eduardo Albuquerque de Miranda

Campinas

2006

© by Adilma do Nascimento Pereira, 2005.

UNIDADE: FE
Nº CHAMADA:
V:
TOMBO: 2469
PROC.: 123/2006
C: X
PREÇO:
DATA: 24.03.06
Nº CPD:

Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca da Faculdade de Educação/UNICAMP

Pereira, Adilma do Nascimento.
P414n Narrativas não verbais através da produção de sentidos da imagem impressa de assassinos na Revista Veja / Adilma do Nascimento Pereira. -- Campinas, SP : [s.n.], 2005.

Orientadores : Carlos Eduardo Albuquerque de Miranda.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Fotografia. 2. Memória. 3. Imprensa. 4. Educação. 5. Racismo. I . Miranda, Carlos Eduardo Albuquerque de . II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

06-024-BFE

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo Miranda

2° leitor: Prof. Dr.Milton José de Almeida

À meus pais.

Agradecimentos

Este TCC representa para mim muito mais que a finalização de um trabalho, foi através dele que tive oportunidade de me aproximar de um assunto que há muito me interpelava, mas que não tinha coragem de enfrentar.

Apesar de ter sido um enorme prazer escrevê-lo, também passei por momentos difíceis nos quais contei com a ajuda de pessoas especiais, minha mãe, meu pai, meus irmãos, a professora Silvia Helena Carvalho, uma segunda mãe, Maria Luiza, Cícero, Carlos Miranda, professora Carminha, Luciana Holland, Jocelia, Mimi, Henrique, Letícia, Érika Bizari, Bete, Victoria, minha pequena amada, Lucas, meu grande amado.

Durante esse tempo de trabalho recebi incentivos, sugestões, críticas e calor humano de amigos que vão ficar para sempre no meu coração; Sei que são muitos. Perdão se deixei de citar alguém. Os nomes que tenho na memória, neste momento, são: Clécios, que me apresentou ao Carlos; Kléber Maia, que me trouxe Ilana Casoy; Luciana Holland, que passeando na biblioteca do IA lembrou-se de mim e trouxe Roteiros e, também, que sempre esteve tão disposta a dialogar sobre o TCC; a Jocélia, que leu e deixou anotações e crítica; Ricardo, Gabi e Rogério por todas sugestões e críticas; a Thaís, Iracema, Teresa, Letícia, Mimi, Conça, Marcelo e ao meu querido companheiro Lucas sempre me apoiando, criticando, elogiando, discutindo...

Tenho muito que agradecer também ao OLHO [1] a todos olheiros que estavam presentes na primeira apresentação em 2004, ao Milton, que aceitou ser o segundo leitor, apesar das circunstâncias; ao Carlos Eduardo por sua orientação, interesse e paciência; aos funcionários e novos colegas que fiz de tanto freqüentar o arquivo Edgar Leuenroth do IFCH; ao Eduardo do Museu do Crime de São Paulo.

Às pessoas bacanas que conheci quando entrei na Unicamp em 1999, que me ensinaram coisas não citadas neste TCC, mas que passaram a fazer parte de mim: Daniele, Daniela Ardel e Dani, Caru, Tamy, Adriana Silva, Sevani, Mariene, Regininha, Rosenanda, Du, Priscila, Cintia Montanheiro, Patrícia, Fred, Camila, Deise(BC) e galera do bandeijão.

Por fim, agradeço aos tercerizados, pessoal da limpeza e de outras funções consideradas

[1] Laboratório de Estudos Audiovisuais da Faculdade de Educação da Unicamp

menores, mas sem os quais não teríamos o ambiente gostoso que é o de trabalhar na Unicamp.

Resumo

O Objetivo deste trabalho foi identificar narrativas visuais nas fotografias de assassinos na revista VEJA e a Educação Estética dessa imagem no período que data de setembro de 1969 a dezembro de 1985.

Para isso percorremos a história da fotografia desde da sua invenção até sua adaptação para ilustrar textos e revistas como O Cruzeiro, Manchete e Realidade antes de chegar a Veja.

Fizemos uma breve discussão sobre assassinato e morte, motivadores da nossa curiosidade em buscar uma narração não verbal na face dos assassinos de Veja.

Sumário

Lista de Figuras

Assassinos p. 10

Prefácio p. 30

Introdução p. 35

1 Porquê a Veja? p. 36

1.1 Como a fotografia foi parar na revista . . . . . p. 36

1.2 Veja . . . . . p. 43

2 Porquê assassinos? p. 50

2.1 Imagens . . . . . p. 53

2.2 Assassinato . . . . . p. 55

3 A morte p. 61

Conclusão p. 69

Referências p. 71

Lista de Figuras

1 Digitais com padrões característicos . . . . . p. 29

2 A primeira fotografia do mundo. . . . . p. 36

3 Capa da primeira edicao da Revista Cruzeiro . . . . . p. 39

4 Capa da revista **Manchete**, 26 de abril 1952 Arquivo Edgar Leuenroth . p. 41

5 Capa da primeira edição da revista **Realidade** . . . . . p. 43

6 Capa da primeira edição de **Veja** . . . . . p. 45

7 A "Edicao Zero"nunca foi às bancas . . . . . p. 45

8 Chen Chieh-Jen Rule of law II: 1931-1997 . . . . . p. 62

O fato de a fotografia lidar necessariamente com o real faz com que seja tratada como algo sem importância, como se não decorresse de uma ordenação de linguagem, como sendo um simples registro viabilizado por processos tecnológicos que permitem o aprisionamento do tempo, sem outras considerações. Mas a fotografia será apenas isso?Humberto:2000:41

Assassinos

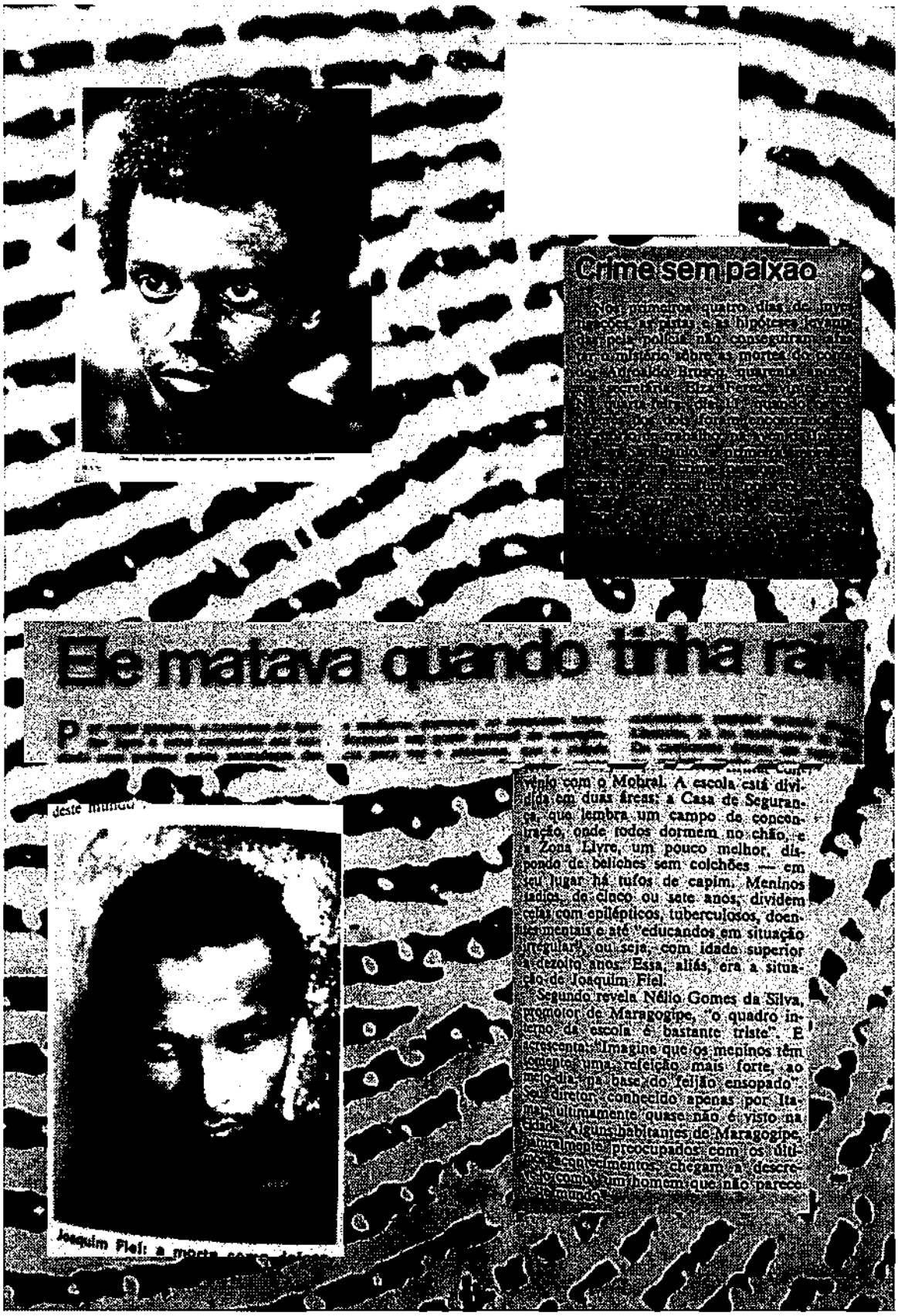
A seleção de imagens apresentadas a seguir foi feita à partir de material pesquisado no Arquivo Edgar Leuenroth durante três anos, compreendendo as edições de 11/09/1968 a 25/12/1985. Os critérios de seleção utilizados foram: viabilidade de capturar imagens de assassinos com qualidade para impressão obedecendo as normas de utilização do Arquivo Edgar Leuenroth de proibição do uso de flash, impossibilitando assim o uso de scanner, que certamente apresentaria melhor resultado que a Digimax 201 Samsung 2.0 mega pixels.

Foram descartadas(porém, mereciam estudo à parte):

- Fotos de assassinos de guerra e guerrilha.
- Fotos de casos de assassinato em que não aparece a fotografia do criminoso.
- Fotos de suspeitos de assassinato.
- Fotos de assassinos estrangeiros.

Qual você acredita ser a função da fotografia? ...
...São várias. Se ela estiver engajada no fotojornalismo, é a de passar a verdade verdadeira, ou seja, aquilo que positivamente está acontecendo. Ainda no jornalismo, a verdade virtual, o outro lado da verdade possível, o da elucubração ou estética pessoal onde o autor fotográfico perpassa sonhos e histórias. Borges:2003:16

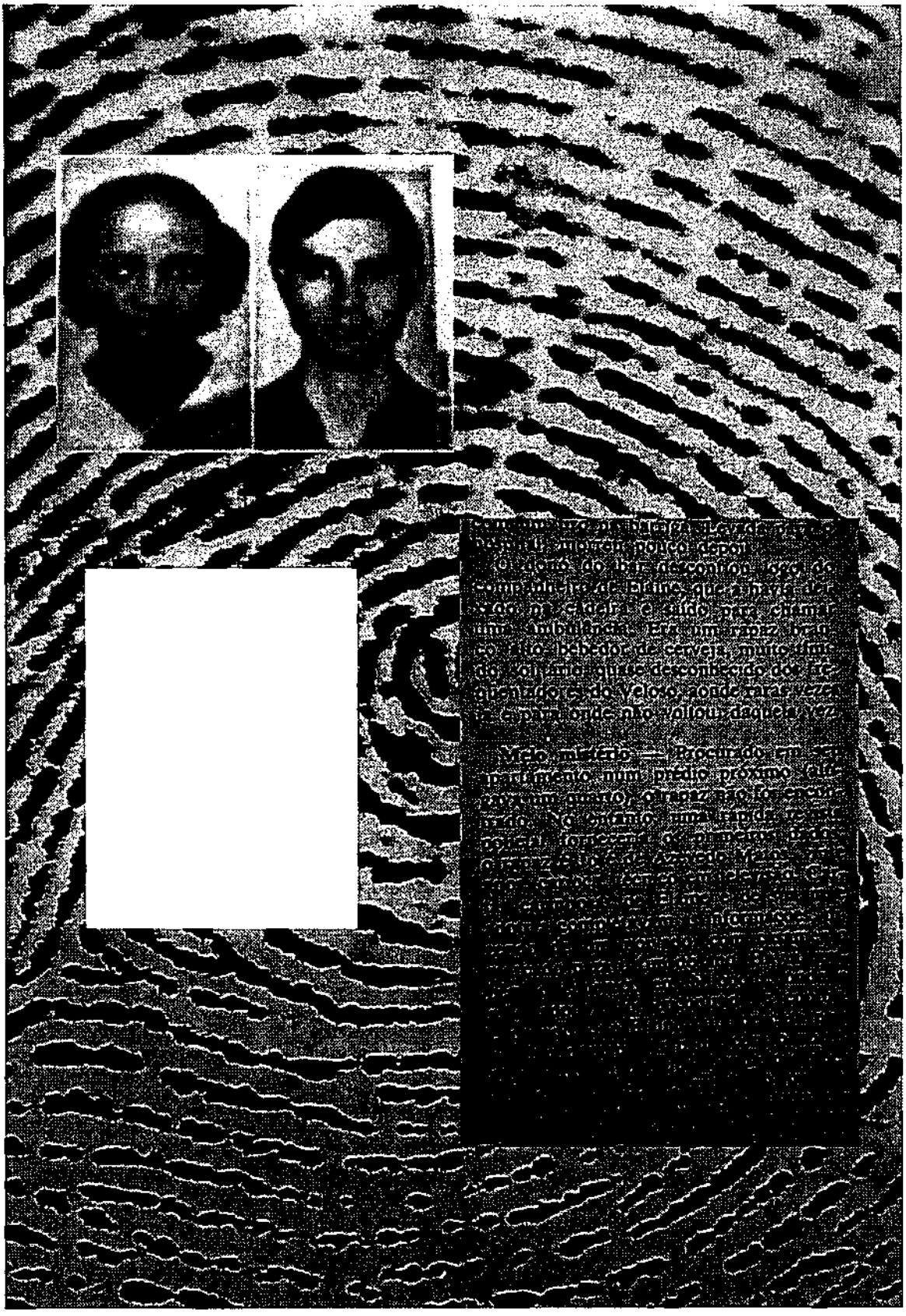
ESTADOS UNIDOS
O fim do guru
De repente, o réu interrompeu o julgamento com um sôco no peito do seu próprio advogado. Com a resignação de quem realiza um ritual muitas vêzes repetido, o juiz Charles Older determinou a sua retirada da sala. E o agredido, habituado a tudo esperar de seu agitado constituinte, nem sequer procurou esboçar uma reação.
Para Charles Manson, vivendo os

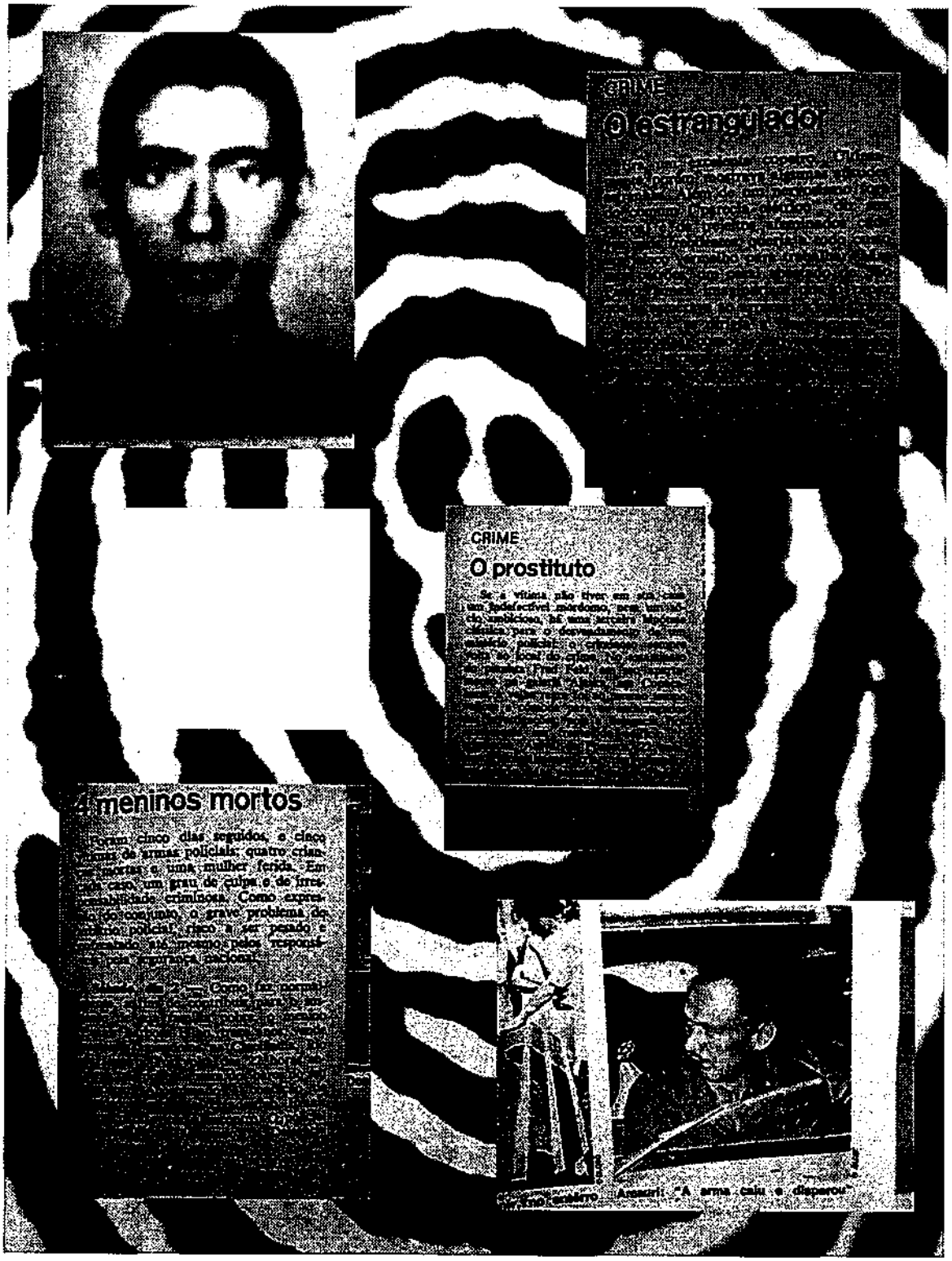


Crime sem paixão

Ele matava quando tinha raiva

Joaquim Fiel: a morte




CRIME
O estrangulador
CRIME
O prostituto
4 meninos mortos

A fotografia é feita num instante, por uma pessoa e uma máquina. Ela captura e congela um momento fugaz que passa a ser visto em outras situações, por outras pessoas, que tem pouca ou nenhuma informação sobre o instante original. Há um verdadeiro abismo entre o momento do registro da imagem e o momento em que a fotografia é vista. Lefèvre:2003:118

"Xerife" Jorge: vagabundo, mas solidário

20

...gir o misterioso matador. E um outro,

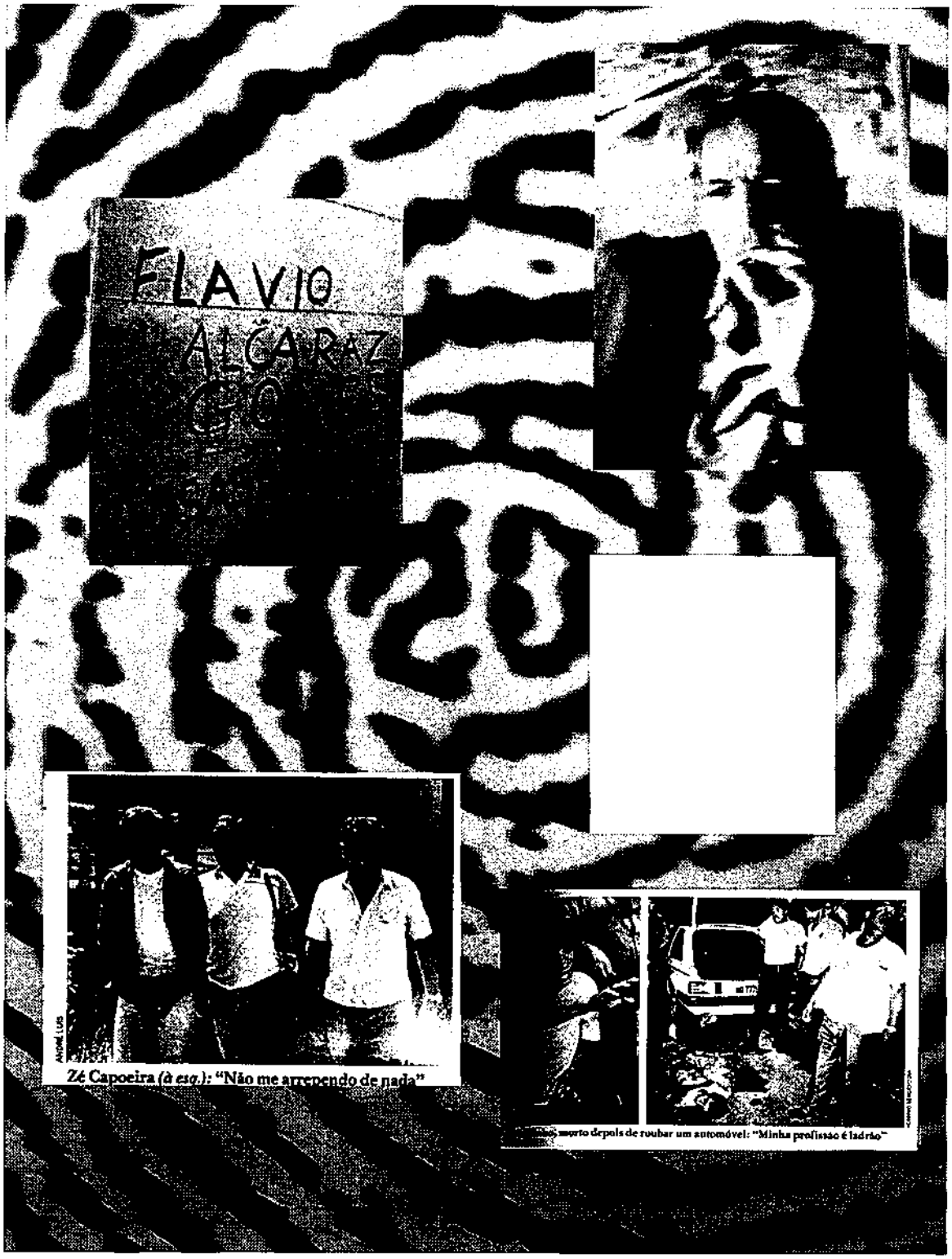
continua na página 37

Santos: rastou porque apanhou

VEJA, 18 DE FEVEREIRO, 1976

Pelezinho e companheiros: matadores-bandidas mudam de tática. Um deles

UNICAMP ... TECA



ANDRÉ LUIS

Zé Capoeira *(à esq.)*: "Não me arrependo de nada"

...morto depois de roubar um automóvel: "Minha profissão é ladrão"

O enterro de Roberto *(dir.)*: perplexidade entre os parentes

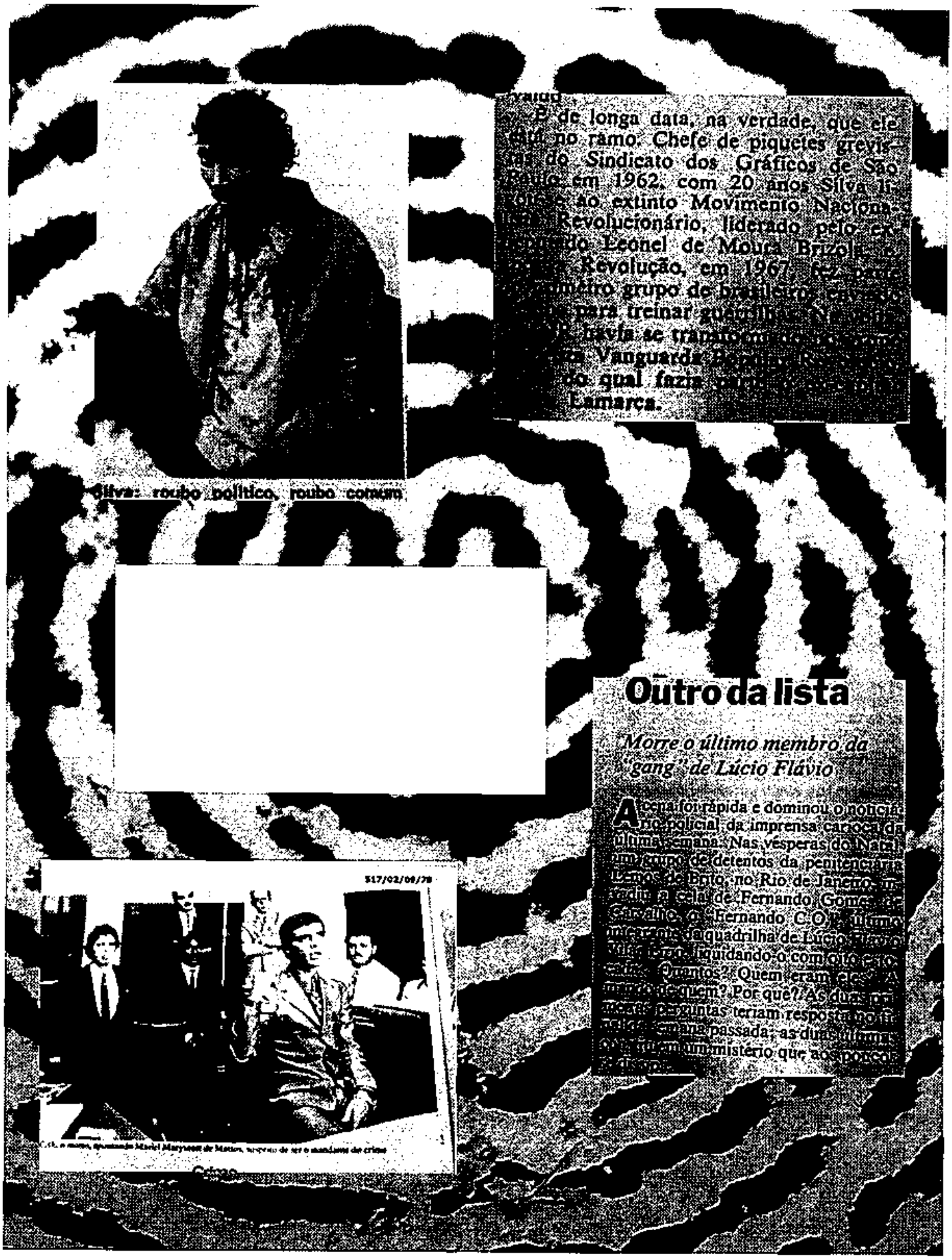
POLÍCIA

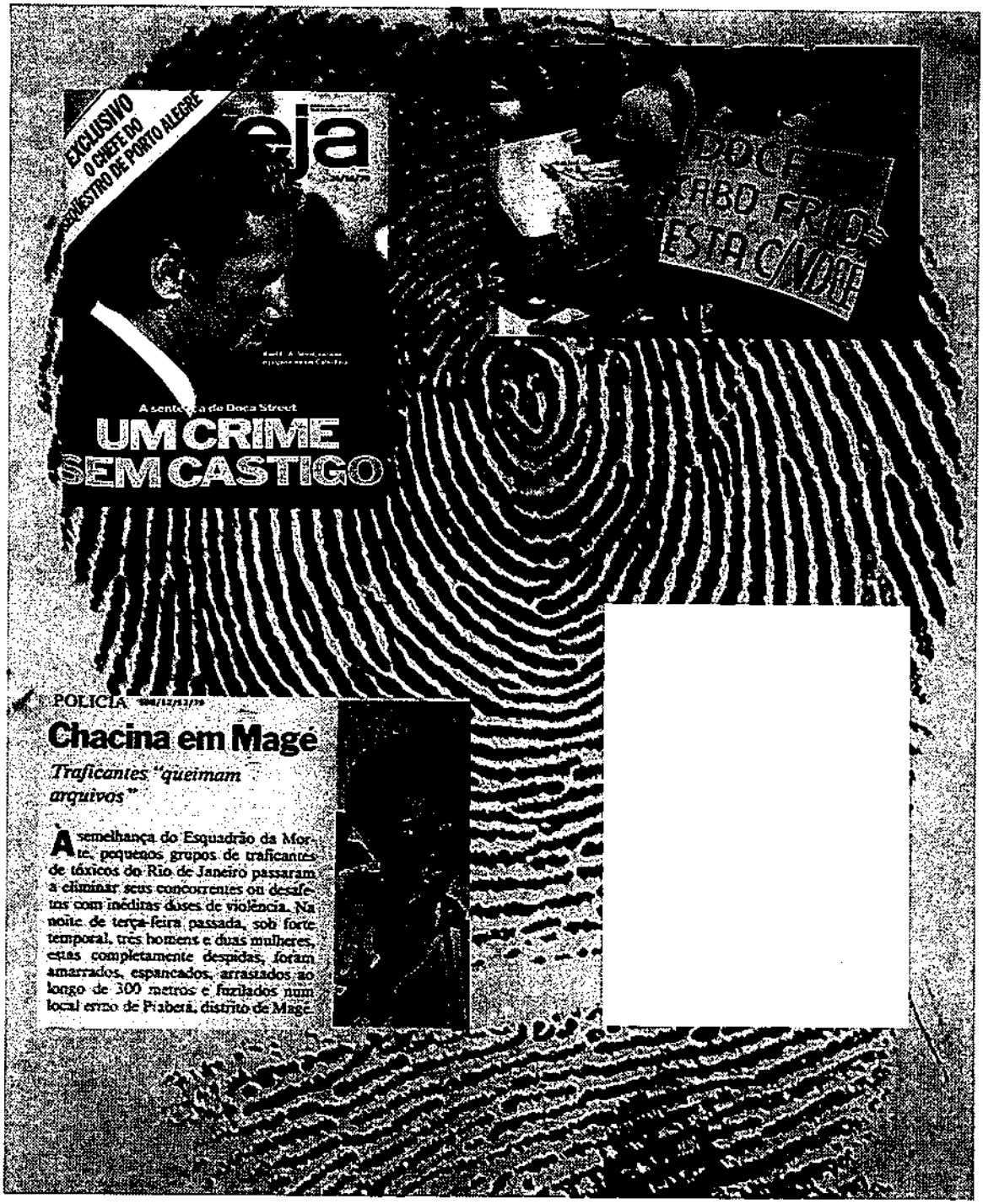
Crime e delírio

Clarice e Leandro *(à dir.)* viram Borges *(alto, à dir.)* assassinar Alex *(ao lado)*

517/02/09/78

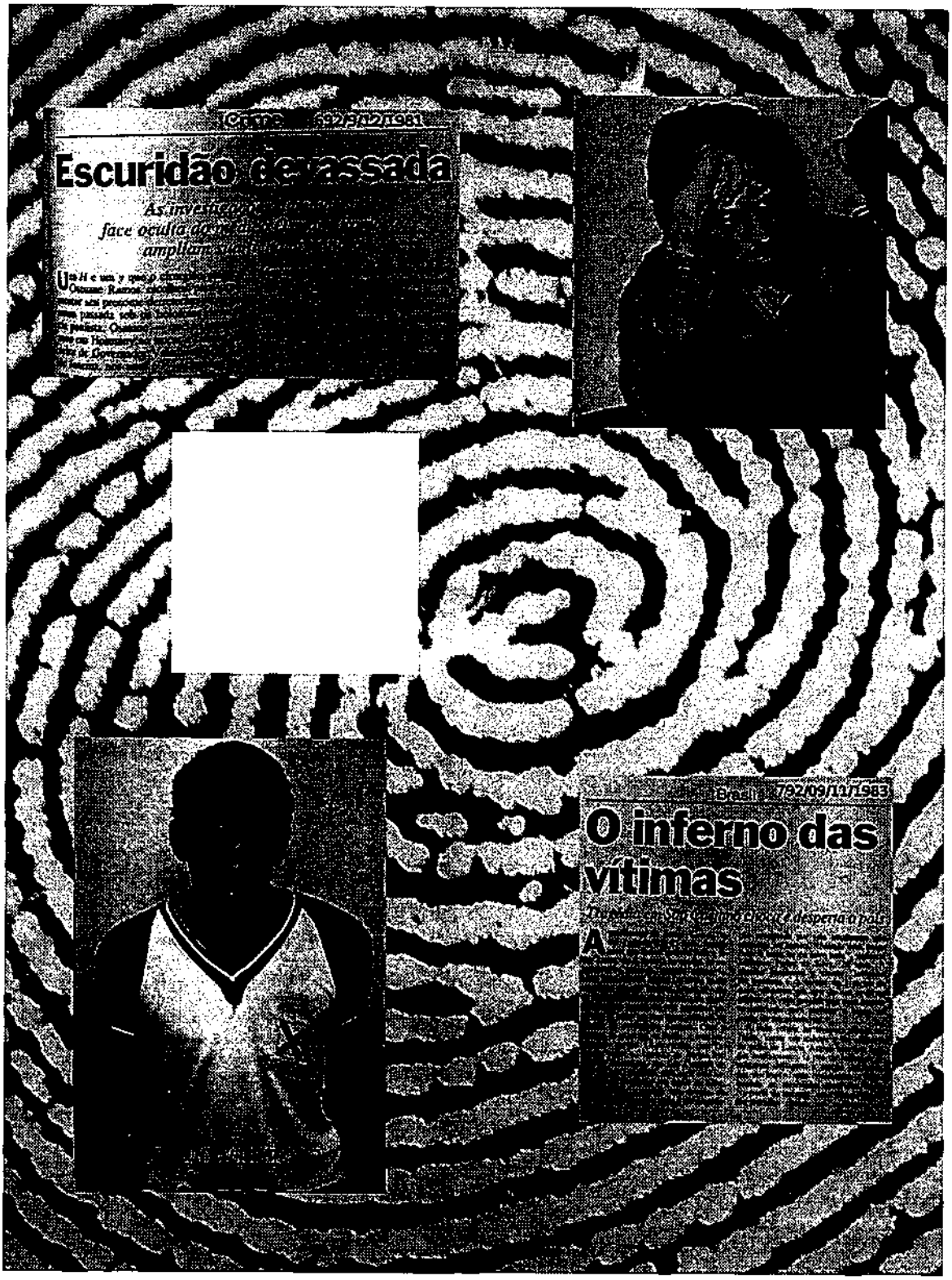
"Ludinho" Coelho

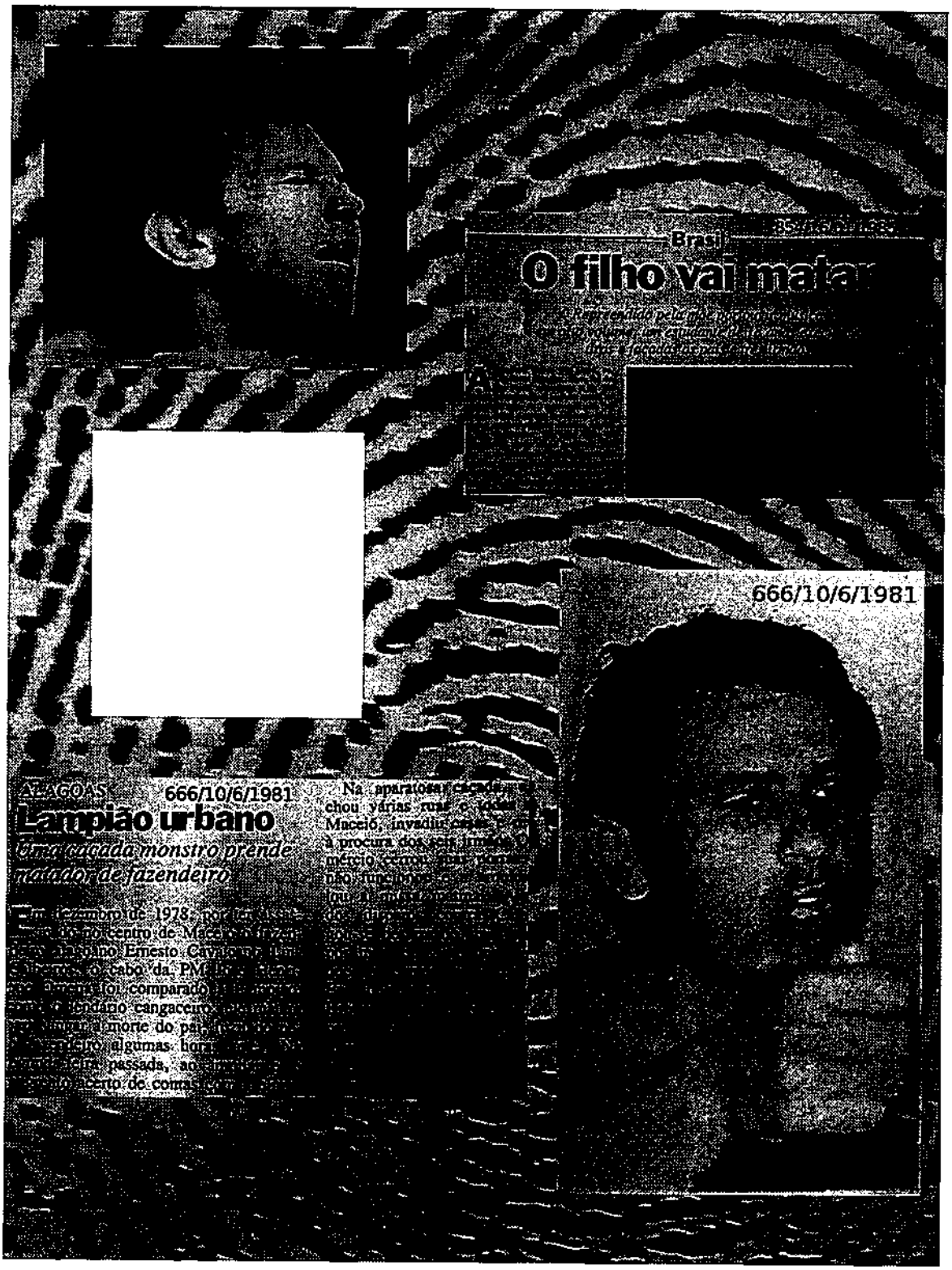

É de longa data, na verdade, que ele
no ramo. Chefe de piquetes grevis-
do Sindicato dos Gráficos de São
em 1962, com 20 anos Silva li-
ao extinto Movimento Naciona-
Revolucionário, liderado pelo ex-
Leonel de Moura Brizola
Revolução, em 1967
grupo de
para treinar
havia se
Vanguarda
do qual fazia
Lamarca.
Silva: roubo político, roubo comum
Outro da lista
Morre o último membro da "gang" de Lúcio Flávio
A cena foi rápida e dominou o noticiário policial da imprensa carioca da última semana. Nas vésperas do Natal um grupo de detentos da penitenciária Lemos de Brito, no Rio de Janeiro, invadiu a cela de Fernando Gomes de Carvalho, o "Fernando C.O.", último integrante da quadrilha de Lúcio Flávio
liquidando-o com
Quantos? Quem eram eles? A
de quem? Por quê? As duas
perguntas teriam resposta
semana passada; as duas
um mistério que, aos poucos
517/02/08/79


EXCLUSIVO
O CHEFE DO SEQUESTRO DE PORTO ALEGRE
veja
A sentença do Doca Street
UM CRIME SEM CASTIGO
POLÍCIA
Chacina em Magé
Traficantes "queimam arquivos"
À semelhança do Esquadrão da Morte, pequenos grupos de traficantes de tóxicos do Rio de Janeiro passaram a eliminar seus concorrentes ou desafetos com inéditas doses de violência. Na noite de terça-feira passada, sob forte temporal, três homens e duas mulheres, estas completamente despidas, foram amarrados, espancados, arrastados ao longo de 300 metros e fuzilados num local ermo de Piabetá, distrito de Magé.

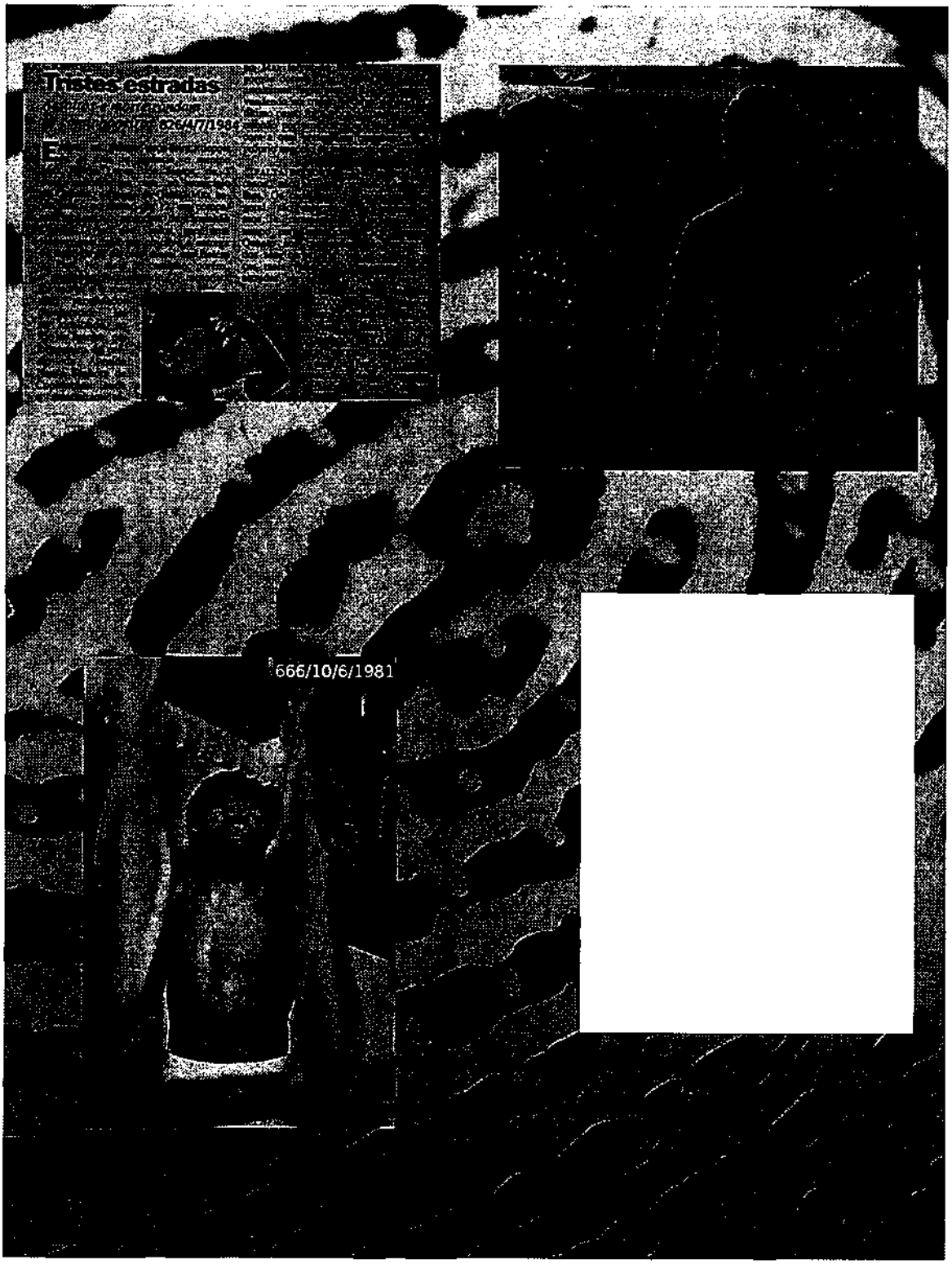
O fotográfo não sabia como editar suas imagens até encontrar Edward Steichen, então diretor do Moma de Nova York, que o aconselhou a criar uma narrativa com as imagens: o autor o fez transformando-as em uma história ficcional. Vali Meyers tornou-se a personagem central Ann, uma mulher fatal que é a obsessão de Manuel, o narrador, o próprio Ed Van Der Elsken. As imagens são acompanhadas de textos e legendas ocasionais que contam de um ou outro personagem ou conduzem a trama. Lefrève:2003:46).

CRIME
Cadáver incômodo
No Recife, 200 policiais caçam o assassino de Mela e Silva
O dia da caça chegou


Escuridão devassada
O inferno das vítimas


Brasil
O filho vai matar
666/10/6/1981
ALAGOAS 666/10/6/1981
Lampião urbano
Uma caçada monstro prende matador de fazendeiro

818/9/5/1984
818.9.5.1984
POLÍCIA
Quatro corpos que caem
821/30/5/1984


Tristes estradas
666/10/6/1981

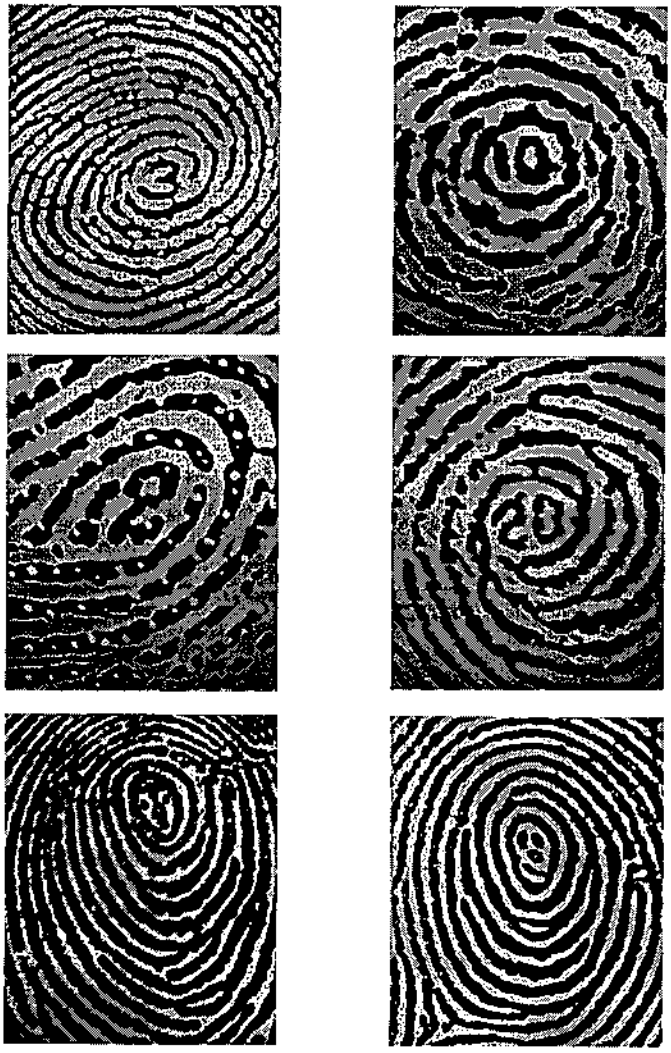


Figura 1: Digitais com padrões característicos

Prefácio

Começemos o texto com o singelo conto de Antonio Medeiros(Apud Abramovich:1981:42) *Jogos para um dia de chuva*:

– Madalena, onde está meu guarda-chuva? ...
– Leeeeeeeeenaaaaaaaaa!!!
– Porra, dá pra responder pelo menos? ...
Quando ia atender aos berros do marido, Lena ouviu a porta de serviço bater com violência (ai! dessa vez o trinco não resiste ...).
Depois ...o silêncio, o alívio, era menos um dentro de casa naquela manhã agourenta de chuva.
"Ainda bem que já estou prevenida, desde às 6:30 da manhã que sei como me conduzir: o horóscopo já avisou: Cautela e tudo sairá bem."
Esse pensamento passou de rapão, ao mesmo tempo em que um tufão roçou-lhe as pernas; desiquilibrando-a e obrigando-a a segurar-se na geladeira.
– Isabel Fernanda, Eduardo Augusto e Carlos Frederico!
Ia começar o sermão da manhã quando sentiu uma dor aguda na cabeça e viu deslizar o liquidificador geladeira abaixo, sem perdoar sua testa, nariz e o dedinho do pé esquerdo (o mesmo que D. Esmeralda, a vizinha fofoqueira e míope havia pisado na noite anterior, depois de assistir a todas as novelas, filmes e comer o pacote inteiro de salgadinhos, reservado para o aperitivo de domingo, dia das mães.
– MANHÊ! A gente pode brincar lá fora na água?... A gente põe capa, galocha e chapéu... hein manhê? DEIXA?
Madalena tentava entender o que estava acontecendo, mas os puxões insistentes em sua saia só lhe aumentavam a confusão e o desequilíbrio. O volume das vozes foi aumentando, as palavras encavalando-se, aquele ruído...
Nessas horas nunca se sabe de onde vem a energia. A verdade é que, mesmo com a cabeça doendo, supercílio sangrando, liquidificador em pedaços e a essas alturas já sem saia, Lena logrou um tento. Mesmo sem a cautela recomendada pelos astros, lançou seu grito de guerra: - FORA DAQUI, TODOS! É bem verdade que o resultado foi um pouco débil, se comparado às circunstâncias, mas eficiente. Festejada com um OBA! em uníssono, sua ordem foi prontamente obedecida: as três crianças, em segundos, estavam plastificadas da cabeça aos pés, lançando-se nas escadas em direção às enxurradas que se avolumavam ladeira abaixo.
Vendo-se sozinha, Lena não pode evitar uma sensação de alívio e paz; decidiu usufruir um pouco desta dádiva tão rara e cara. Afinal, estamos na primavera e não faz tanto frio assim... eles que brinquem um pouco na água. É bom, crescem com mais resistência e me deixam um pouco sossegada.

Brincar na chuva era uma deliciosa novidade e estimulava a invenção de novos jogos:
– Tá bom que a gente era a SWAT submarina?
– Não, tá bom que era noite e a gente tava perdido na rua e perseguido por uma quadrilha?
– Isso tudo é muito chato, muito igual a todo dia. A gente tem que inventar uma brincadeira com bastante água, mar...sei lá.
– Já sei! A gente junta um monte de bicho e põe tudo na Arca de Noé, lembra da senha? É uma brincadeira de salvamento.
– É, mas a arca sai daqui pra onde? Onde o Noé foi?
– Ih!, sua burra, não interessa, legal é botar os bichos no barco e partir. Olha aquela enxurrada como é forte, igual mar bravo. É só fazer tudo depressa senão seca e aí ...tchau brincadeira.
– Bom, cada um vai pegar um monte de bicho, mas tem que ser bastante senão não tem graça...
Na verdade, qualquer coisa servia: minhoca, lagartixa, formiga, joaninha, moscas aos montes, bicho de pelúcia, plástico, sem contar uma lista de convidados especiais:

- Três pintinhos comprados na feira depois de insistentes pedidos;
- Três filhotes de gata da vizinha, aquela velha chata que vivia em casa vendo TV e ainda por cima era linguaruda;
- O canário do borracheiro da esquina;
- A tartaruga do sapateiro;
- Nove peixes do aquário da dona Mércia, síndica do prédio.

Recolher a carga tão preciosa exigia rapidez e coragem. Em meia-hora, o superesquadrão já tinha 90% do material em mãos.
– E o barco? Onde a gente acha?
Diante de mais um problema difícil e vendo a correnteza diminuir cada vez mais, optou-se pela solução mais prática.
– Tá bom que a arca de Noé tá dentro do boeiro...Todos os passageiros vão nadando até que caem dentro de um barco/buraco, prontos para a viagem?
– Legal! Pode começar!
O mais difícil foi resolver quem fazia o quê. Depois de alguma discussão, decidiram que todos fariam juntos.
Como as moscas eram maioria absoluta naquele zoológico improvisado, foram usadas como passageiras nos primeiros testes de eficiência. É bem verdade que algumas conseguiram fugir, mas novos métodos para embarque de moscas rebeldes foram descobertos: algumas eram enroladas em papel higiênico ou jornal, outras mais rebeldes eram bem amassadas e boiavam quietinhas.
Tudo preparado, foi iniciado o embarque do restante. O deslizar perfeito da maioria transformou esta etapa numa verdadeira festa. A turma corria ao lado de cada carga até o final do quarteirão. Tentavam sempre chegar um pouco antes para assistir ao último salto que conduzia à fantástica nave do amigo Noé.
– Que sorte! O boeiro ainda está sem tampa! Dá prá ver tudo!
Dizem que toda criança precisa descarregar um enorme potencial de energia. Nada melhor do que subir e descer aquela ladeira com euforia

> e muita rapidez.
> – Anda logo, todos têm que embarcar antes do fim da chuva!
> Não se pode dizer que foi tarefa muito árdua. A missão foi cumprida na íntegra, com alguns imprevistos solucionados graças a estratégias sofisticadas encontradas pela equipe.
> É bem verdade que alguns passageiros surpreenderam a todos pela docilidade: os pintinhos por exemplo, adoravam tanto a idéia, que logo entravam na enxurrada e adormeciam, deixando-se levar docilmente pelas águas.
> A tartaruga adorou ir de barriga para cima agitando as mãos e os pés numa despedida festiva.
> Chato mesmo foi o canário do borracheiro, não parava quieto, apesar das explicações cuidadosas que lhe eram transmitidas pelos comandantes da operação. Não ouve jeito: a solução encontrada foi passar uma linha bem-apertada em volta do corpo imobilizando asas e pernas.
> – Olha, acho que agora sim ele está gostando da viagem. Gritou um pouco no começo, mas agora ficou bem quietinho!
> A agilidade dos gatinhos da vizinha venceu qualquer tentativa de imobilizá-los. A única saída foi privar-lhes da emoção da correnteza (parece um tobogã!) e arremessá-los direto para o buraco/arca, onde encontrariam Noé e seus colegas de aventura.
> A tarefa terminou gloriosamente, com o embarque dócil dos peixes da dona Mércia.
> – Agora a gente pega esse jornal, faz um barco pequeno e manda para o S. Noé; é para ir amarrado atrás da arca... um barco salva-vidas.
> Pronto. Solta ele rápido porque a correnteza quase secou. Terminado o serviço, os três heróis ficaram ainda um tempo olhando o boeiro, imaginando quanta terra estranha aquela bicharada ia conhecer.
> Felizes, a sensação gostosa de missão cumprida, os três resolveram voltar para casa, depois de prestarem um juramento de não revelar nenhum pormenor daquela façanha.
> – Tá bom que era missão secreta, para sempre?
> Excitados como nunca, voltaram os três, loucos de fome e sede.

Entrar em um tema que exige julgamento moral por parte do outro, não é tarefa das mais simples. Não para simplificar, mas, para torná-la mais agradável, achei por bem iniciar esta introdução com um conto sobre sadismo. Pois, dos contos, ninguém precisa duvidar, aceitar ou refutar, as conclusões ficam por conta do leitor.

A escolha foi uma decisão pensada no como escrever sem ser didática, já que o didático, tem a necessidade de controle sobre o resultado da apreciação, (e não é esse o propósito), que nós seres humanos, apresentamos manifestações de sadismo desde a infância para um público eclético, com uma história e olhar sobre a vida diferente do meu.

Há quem negue o sadismo: *Sádico(a), eu?*:

> Eu? Eu não machucaria nenhuma "popozuda". Eu amo "popozudas"!
> Albert DeSalvo Apud Casoy:2002:284

> O que eu fiz não foi por prazer sexual. Ao invés disso, me trouxe paz de espírito. Andrei Chikatilo Apud idem

Há os que tem consciência mas não controle e tentam se eximir da responsabilidade com justificativas pouco convincentes:

> Sexo não deveria existir. John Haigh Apud Ibidem

> As mulheres que eu matei eram prostitutas bastardas nojentas que estavam sujando as ruas. Eu só estava limpando um pouco o lugar. Peter Sutcliffe Ibidem

Há quem tenha consciência, perderam o controle mas não tentam se eximir:

> Eu não tenho desejo de me reformar. Meu único desejo é de reformar as pessoas que tentam me reformar, e eu acredito que o único meio de reformar as pessoas é as matando. Minha máxima é: roube todos, estupre todos e mate todos. Carl Panzram Ibidem

Há quem tenha consciência do seu sadismo, há quem tenha consciência da dimesão da sua fantasia:

> Eu fiz a minha fantasia de vida mais poderosa do que minha vida real. Ibidem

Assim somos.

Poderia ter aberto com um poema do Marques de Sade. Seus contos são bem escritos, intensos, honestos, cruéis, perfeitos para anunciar o diálogo. Obviamente, esta é a minha opinião. Como não estou escrevendo para minha própria pessoa (assim espero) apesar de está escrevendo em primeira pessoa, e também não sei exatamente para quem estou escrevendo, optei por privilegiar um texto cuja apresentação de idéias expressa aquilo que eu, no momento, não teria palavras melhores para dizer e ao mesmo tempo não constrange o possível leitor. Em todo caso, para os subversivos religiosos(os) curiosos(os) e sádicos(os) de plantão, porém, não assassinos, deixo referência [1] de um conto de Sade que poderia ter sido a introdução.

Não! Não se trata de uma monografia sobre sadismo, mas de um trabalho sobre ilustração do assassino em dezessete anos de **Veja**,juntamente com os conceitos estéticos e ideológicos que se fazem representar.

[1] ver bibliografia

UNICAMP CECA

A necessidade de abrir um espaço de citação para este assunto (sadismo) no prefácio, tem origem no fato de seu estudo não ser contemplado nos capítulos que se seguem, apesar de estar presente em maior ou menor intensidade, nas relações dos mundos adulto e infantil, e de ser uma constante que induz o assassino a cometer seus crimes; pricipalmente os matadores em série, os quais Ilana Casoy (que foi citada tão pouco mas que grande importância teve para escrita deste TCC), indaga se são loucos ou cruéis.

Introdução

Tenho a difícil tarefa de introduzir ao leitor um texto de TCC que não é apenas uma pesquisa sobre Narrativas não verbais através da produção de sentidos da imagem impressa de assassinos na revista **Veja**, mas que é,também, uma produção pessoal, em que fui buscar no meu memorial, os sentimentos que fizeram brotar o desejo de pesquisar o assunto e transformá-lo em um trabalho de conclusão de curso.

Convido você a fazer uma viagem iniciando um capítulo sobre a história da fotografia, passando pela fotografia que ilustra periódicos; um capítulo sobre assassino e outro sobre morte; tudo sendo feito em função de uma reflexão sobre a função da imagem. Sobre a imagem de assassinos editadas pela revista Narrativas não verbais através da produção de sentidos da imagem impressa de assassinos na revista **Veja**.

1 *Porquê a Veja?*

1.1 Como a fotografia foi parar na revista

Da descoberta da câmera escura, atribuída ao chinês Mo Tzu no século V a.C à reprodução da primeira fotografia verdadeira, creditada ao físico francês, inventor da litografia e da fotogravura, Joseph Nicéphore Niepce, tivemos um intervalo de tempo bastante longo.

Figura 2: A primeira fotografia do mundo, tomada por Niepce de sua janela, em Gras, França (1826), e fixada na placa de metal. (Coleção Germsheim, Universidade do Texas, Austin, Estdos Unidos.)

Em contrapartida, da emulsão gelatinosa de cloreto de prata do médico britânico Richard Leach Maddox (1871), base para as primeiras experiências fotográficas com placas secas de gelatina no lugar de colódio, passando pela invenção de Alexander Parkes - o celulóide (1861), o processo se modernizou na velocidade que pediam os novos tempos.

Louis-Jacques Mandé Daguerre, assumiu as pesquisas do mestre Niepce após sua morte inaugurando o processo daguerreótipo[1]fazendo com que a fotografia se tornasse acessível a pessoas comuns(que por ela podiam pagar) e segundo o professor de fotografia Enio Leite, vanguarda da todas as manifestações artísticas da era industrial. [2], o que certamente é coerente, já que os primeiros fotográfos - Niepce, Daguerre, Fox Talbot, eram também pintores, como justifica Jorge Pedro Souza:[3]

[1]Imagem formada sobre uma fina camada de prata polida, aplicada sobre uma placa de cobre e sensibilizada em vapor de iodo.

[2]Fotografia, invenção do diabo - Enio Leite - www.cotianet.com.br

[3]Jorge Pedro Souza - Uma história crítica do fotojornalismo Ocidental - Tese de Douto-

> Os primeiros fotógrafos foram pintores, pelo que não é de admirar que, conforme Hicks sustenta, as grandes referências que os primeiros fotógrafos de imprensa tinham fossem as da pintura (2); por outro lado, diz o mesmo autor, imbuídos de uma mente literária, os editores resistiram durante bastante tempo a usar fotografias com texto, não só porque desvalorizavam a seriedade da informação fotográfica (3) mas também, julgamos nós, porque as fotografias não se enquadrariam nas convenções e na cultura jornalística dominante na época. Provavelmente, a associação da fotografia à pintura e, portanto, à arte, terá sido também uma das razões que levou ao enquadramento das imagens fotográficas publicadas na imprensa por filetes floreados e outros motivos, como se da representação de uma moldura se tratasse. Souza:1998:09

Além de uma nova arte, o nascimento da fotografia inaugura um outro olhar sobre a história: estética baseada na visão do olho humano através do olho da máquina. É o fotógrafo entrando em cena, ganhando expressão entre experimentos e expedições fotográficas. Invadindo o espaço rural e urbano, registrando, documentando[4], recriando a arte de reter e fixar um momento com fidelidade ao objeto observado, tornando-o imortal.

Como se fosse pouco realizar esse antigo sonho do homem, anterior a era cristã, a união de *photos* e *graphos* [5] realiza também um outro, mais recente: o sonho de reproduzir imagens em livros e imagens junto a texto:

> Até o final do século XIX, quando foi aperfeiçoado o processo de autotipia, com a introdução e o aprimoramento das retículas, as primeiras publicações a ilustrar as notícias (Ilustrated London News, Harper's Weekly) usavam uma reprodução xilográfica da foto. A primeira reprodução de uma foto em jornal apareceu no New York Daily Graphic, em 1880, e o primeiro jornal a ser ilustrado exclusivamente com fotos foi o Lodon Daily, em 1904. BARSA: 2001:387

A Barsa nos auxilia a entender o evento dentro de um determinado tempo histórico, através de um resumo dos fatos mais importantes, porém, não registra outros como a passagem da fotografia diretamente para o livro, importante para entendermos o que veio antes ou paralelo a revista ilustrada, lacuna esta, que foi suprida através da tese de mestrado *Livros de fotografia - história conceito leitura - Beatriz Lefèvre.*

Segundo a pesquisadora Lefèvre (cuja tese foi fundamental para entender a história da fotografia impressa tal como a conhecemos hoje). A fotografia nasceu ligada ao livro, pois na mesma época, pesquisavam-se técnicas de reprodução de imagem e texto para

rado,Universidade Fernando Pessoa Porto, 1998

[4]No departamento de investigação criminal de Paris foram guardados os primeiros registros de criminosos com descrição detalhada do seu aspecto

[5]Fotografia (do grego *photos*, luz, e *graphos*, gravação (p.382 Barsa))

editoração em formato único, coincidindo as duas descobertas e inaugurando a era de livros de documentação. *The pencil of Nature*, publicado em 1844, foi o primeiro exemplar dessa categoria. O status de arte, ainda estava por vir.

Se foi Lefèvre quem nos apresentou a história da fotografia e como ela chegou ao livro, às revistas e aos jornais, foi por meio de Jorge Pedro de Souza que a historia do fotojornalismo se tornou menos obscura, permitindo-nos visualizar os fatos que antecederam o nascimento de duas importantes revistas ilustras, Revistas O Cruzeiro e Manchete, antes de chegarmos à Veja. Interpretando os trabalhos de Jorge Pedro e Lefèvre, é possível, concluir, que fotografia em livro e revista prosperam numa mesma época:

> Em meados do século XIX, inicia-se a edição de publicações ilustradas. A The Ilustrated London News, a primeira revista ilustrada, nasceu em Maio de 1842. O seu fundador, Herbert Ingram, afirmou, no número um, que a revista daria aos seus leitores informação em contínuo dos acontecimentos mundiais e nacionais mais relevantes, da sociedade à política, com a ajuda de imagens caras, variadas e realistas. Entre 1855 e 1860, a tiragem cresceu de 200 mil para 300 mil exemplares, o que indicia uma crescente apetência social pela imagem.Em Paris, começa a ser publicada, em 1843, a Illustration, a segunda grande revista ilustrada a ver a luz do dia. É também durante esse ano que um funcionário fixa, em daguerreótipo, a cerimónia de assinatura de um tratado de paz entre a França e a China. Com ele, completa-se a figura do pré-foto-repórter. As fotografias de um incêndio (o de Hamburgo) e de uma cerimônia protocolar ficam, assim, para a história, como indícios daquilo que, mais tarde, se conformaria como alguns dos temas configuradores de rotinas produtivas e convenções no fotojornalismo. Souza:1998:32

Com a possibilidade da editoração de fotografia em periódicos, inicia-se numa nova forma do leitor se relacionar com a informação que além da narração textual propriamente dita vem acompanhada da narração visual.

A demanda pelo texto jornalístico ilustrado promove a profissão de fotográfo, ao mesmo tempo que a desvaloriza enquanto arte; o público ansioso por mais imagens é também um público menos crítico. A desvaloriazação, entretanto, não interferiu no crescimento da profissão; entre 1840 e 1900 cerca de 120 profissionais trabalhavam na cidade do Rio de Janeiro. [6]

No Brasil, a **Revista da Semana** (1900) foi o primeiro periódico ilustrado com fotografia, [7] outros nomes como *Careta*, *Fon-Fon*, *Malho*, ajudaram a compor o perfil de

[6] Ana Maria Mauad de Sousa Andrade: Sob o signo da imagem: a produção da fotografia e o controle dos códigos de representação social, na cidade do Rio de Janeiro na primeira metade do século XX tese de mestrado em História Universidade Federal Fluminense:1990:03

[7] (Ana Maria Mauad de Sousa Andrade: Sob o signo da imagem: a produção da fotografia e o controle

uma época em que as imagens fotográficas tinham nas revistas ilustradas seu principal meio de expansão.

Passadas quase três décadas após a editoração da primeira revista ilustrada(Revista da Semana) em 1928, no Brasil pós-guerra, nasce a revista carioca **Cruzeiro**, posteriormente rebatizada de **O Cruzeiro**. Ambicioso projeto para época, custeado por financiamento intermeditado pelo então ministro da fazenda Getúlio Vargas para Assis Chateaubriand. Sabendo-se da origem dos honorários que sustentaram a revista, desnecessário falar sobre sua importância para o cenário político, apesar do editorial prometer apenas uma revista de Educação e Cultura. Nas palavras de Fernando Moraes:

Figura 3: Capa da primeira edicao da Revista Cruzeiro

> Na capa do número um, em um fundo azul emoldurado por uma tarja prateada, publicou-se um desenho hiper-realista do rosto de uma moça com ar vamp, unhas cintilantes, sombra nos olhos e boquinha pintada, como se soprasse um beijo para seus 50 mil leitores. Completando a atmosfesra fatal, sobre o rosto da melindrosa esvoaçavam as cinco estrealas de prata do Cruzeiro do sul que havia inspirado o nome da revista. No editorial sem assinatura da primeira página, a direção prometia uma publicação bem mais ingênua do que sugeria o ar lascivo da moça da capa: esclarecia que, se um jornal pode ser o órgão de um partido, de uma facção, de uma doutrina, uma revista como Cruzeiro, no entanto, seria um instrumento de educação e de cultura: Onde se mostrar a virtude, animá-la; onde se ostentar a beleza, admirá-la; onde se revelar o talento, aplaudi-lo; onde se empenhar o progresso, secundá-lo. 1995:188

Já em 1931, a revista passa por uma modernização dos equipamentos de impressão, ajudando-a a firma-se como a mais importante revista ilustrada da década, destaque para notícia no exemplar de 03 de janeiro de 1931:

> **O Cruzeiro** inaugurou a rotogravura na imprensa nacional, e que serviu de campo experimental da rotogravura no Brasil, inaugurará em breve, a rotogravura em cores, para o que já tem montada em suas oficinas, a gigantesca rotativa de cinco unidades vindas da Alemanha (...) contamos que, brevemente, **O Cruzeiro** haja concluído sua remodelação, utilizando novos mecanismos e se tenha tornado a mais luxuosa, atraente e autêntica revista semanal que jamais houve no Brasil (**O CRUZEIRO** - Coleção do Arquivo Edgar Leuenroth)

dos códigos de representação social, na cidade do Rio de Janeiro na primeira metade do século XX tese de mestrado em História Universidade Federal Fluminense 1990 pg. 05 cap IV

Novo formato, alto padrão de qualidade, se completam com uma promissora contratação: o fotógrafo francês Jean Manzon. O Cruzeiro, então, revista semanal de variedades, ganha status de publicações internacionais tais como a Life e Paris Match. Porém, ainda não havia uma característica jornalística brasileira que conferisse autenticidade ao nosso fotojornalismo.

Com a chegada de um parceiro para fazer dupla com Manzon, o paulista David Nasser, hoje reconhecido como um dos principais jornalistas que o país já teve, juntos, iniciaram uma fórmula que fez muito sucesso com o leitor positivista:[8] um certa dose de aventura mesclada a ficção (invisível ao leitor) em matérias que incluem uma série de reportagens retratando a realidade através de belas e impressionantes fotografias.**O Amazonas Enfrentando Os Xavantes** são exemplos dessa geração, cujo resultado final, além de aparentemente fazer alusão ao fotojornalismo retratando a realidade, conferia autenticidade ao jornalismo nacional.[9]

Essa dupla fez escola. Com eles a narrativa da imagem ganhou mais destaque expressivo ao mesmo tempo que educavam sutilmente as práticas de leitura fotográfica e desafiavam a concorrência, é o fotojornalismo retratando a realidade tal como ela é, pelo menos para o leitor leigo é essa a impressão que fica, não necessariamente a que corresponde a realidade. Voltando as palavras de Lefêvre:

> A fotografia é feita num instante, por uma pessoa e uma máquina. Ela captura e congela um momento fugaz que passa a ser visto em outras situações, por outras pessoas, que tem pouca ou nenhuma informação sobre o instante original. Há um verdadeiro abismo entre o momento do registro da imagem e o momento em que a forografia é vista. 2003:22

Aproveitando-se dessa abertura para o*fotojornalismo real*, (ou um produto economicamente rentável derivado dos meios de comunicação impressos), nascia em abril de 1952 a também carioca revista **Manchete**, da família de gráficos Bloch. Nascia não apenas como mais uma a somar-se a concorrência de **O Cruzeiro**, mas para ser a líder:

> Depois de trinta anos de trabalho como gráficos, resolvemos condensar numa revista semanal os resultados da nossa experiência técnica, convocando, para aproveitá-la, uma equipe de escritores, jornalistas, fotógrafos e ilustradores de primeira ordem. **Manchete** nasce no momento exato em que nos consideramos aparelhados para entregar ao Brasil uma revista de atualidades, correta e modernamente impressa. Em todos os números, daremos páginas a cores e faremos o possível para que essas

[8]Simpático por realismo e fatos científicos

[9]Sob o signo da imagem: a produção da fotografia e o controle dos códigos de representação social da classe dominante no Rio de Janeiro na primeira metade do século XX - Ana Maria Mauad Andrade.

> cores se ponham sistematicamente a serviço da beleza do Brasil e das manifestações do seu progresso (Revista **MANCHETE**, 1952, Carta do editor).[10]

O projeto ambicioso, entretanto, alavanca apenas na medida em que houve um respaldo político. Se **O Cruzeiro** teve o apoio de Vargas, **Manchete** teve o apoio de Juscelino Kubitschek ou vice versa. Assim cresce uma revista que almeja grande expressão, altas tiragens, em curto intervalo de tempo no território dos poucos alfabetizados da década de cinquenta.

Figura 4: Capa da revista **Manchete**, 26 de abril 1952 Arquivo Edgar Leuenroth

No início da década de sessenta os órgão de comunicação brasileiros ainda não dispunham de grandes receitas que garantissem sua saúde financeira:"o mercado publicitário era pequeno e insulficiente para cobrir as despesas dos órgãos de imprensa. A venda nas bancas era incapaz de manter a folha de pagamento em dia. Praticamente não existia sistema de assinaturas, que podia garantia a boa circulação de jornal ou revista. O desequilíbrio orçamentário fazia com que as relações com o governo nem sempre fossem muito transparentes. A barganha política era constante". [11]

Lembrando também que nesse período houve um surto de desenvolvimento, com a entrada do capital externo no governo Jucelino Kubitschek, e com a instalação de várias subsidiárias multinacionais, favorecendo, assim, o aumento de receitas provenientes de anúncios. Em meio a essa conjuntura nasceu a revista **Realidade**. De uma empresa pequena, se compararmos com a do grande magnata da imprensa desse período, Assis Chateaubriand, em nada deixou a desejar para a grande em qualidade e quantidade. Essa revista teve uma importância histórica para o nosso fotojornalismo ou jornalismo literário.Com exuberante narrativa e fotografia, inspirada no **new journalism** norte americano,[12] era de uma qualidade de texto e imagens impar, o que fez com que se tornasse um fenômeno editorial já no início do seu lançamento.

Segundo Filho:[13]

> ...em sua primeira edição, tira 250 mil exemplares e, em junho, a publicação já alcança 350 mil. No mês seguinte, a Abril resolve ampliar a

[10]Henrique Pongetti Diretor reponsável da 1 até a 24 edição. In MANCHETE. Rio de Janeiro: Bloch Editores, ano 1, n. 1, 1952. Arquivo Edgar Leuenroth

[11]Filho:1997:08

[12]Nogueira:2004:13

[13]1997:11

circulação para 450 mil.

Segundo Nogueira:[14]

> Essa experiência no jornalismo brasileiro foi a mais próxima da sofisticação do novo jornalismo. Algumas outras publicações, como o **Jornal da Tarde**, e profissionais como, **Marcos Faerman**, ficaram conhecidos por suas publicações de reportagens bem elaboradas, mas nenhum deles teve a projeção histórica da publicação da Editora Abril.

Em uma nota do Diretor Vitor Civita, da revista da Coleção do Arquivo Edgar Leuenrouth, n.02 de outubro de 1966 lê-se:

> "O primeiro número da REALIDADE esgotou completamente. Tôda a tiragem de 250.000 mil exemplares desapareceu em menos de uma semana. De Recife a Rio Grande, de Cuiabá a Curitiba, chegaram cêrca de 300 telegramas e telefonemas dos distribuidores, solicitando mais revistas - que simplesmente não existiam.E, logo nos primeiros dias, começamos a receber as cartas dos leitores. Cartas de advogados e operários, de professores e donas de casa, de estudantes e industriais. Cartas que nos emocionaram com seu calor, entusiasmo e encorajamento. Tudo isso num país onde se constuma dizer que ninguém quer ler. Que teoricamente não está interessado em ciência, literatura, política internacional, economia, ou uma série de outros assuntos considerados "difíceis". Interpretamos o êxito de REALIDADE como um voto de confiança do público leitor. E como um incentivo para continuar".

Realidade teve liberdade de formar sua primeira equipe com misto de autodidatas. Apaixonados, pertencentes a classe média, mas que em sua maioria proviam de família humilde, apenas um membro da primeira fase possuía diploma universitário, testemunhas das dificuldades de uma vida regada por escassez, levavam essa marca para seus textos e dialogavam fervorosamente com os ditos assuntos difícies: guerra do vietnã, aborto, divórcio, igreja, etc.

Esse sucesso todo, entretanto, não durou muito. Devido a sua apologia a contracultura americana[15] [16] a revista sofreu pressão política indireta e direta, como o recolhimento da edição número seis (Juventude falando sobre sexo) e da número dez (com fotos que ilustravam um parto e o exaltava como um evento fisiológico). Com a marca que a consagrou tolhida (assumir posição)fisicamente a revista não teve morte breve,foi editada

[14] 2004:14

[15] Nogueira:2004:20

[16] conhecida popularmente como Sexo, drogas e rock'n'rool, conceituado como Movimento de Contracultura pelo historiador Theodore Roszak in: The Making of a Counter Culture: Reflections on the Technocratic Society an Its Youthful Opposition

por dez anos, mas em essência sim, sofreu uma reconfiguração pós-68 que a levou ao declínio. [17]

Parafraseando Jacques Le Goff, transpondo seu pensamento sobre historiadores para o caso **Realidade**, o que sobreviveu dela, não foi um conjunto daquilo que existiu no passado, foi uma escolha afetada pelos agentes operacionais no desenvolvimento temporal. [18]

Figura 5: Capa da primeira edição da revista **Realidade**

Deixando as devidas referências na bibliografia para aqueles que desejarem se aprofundar na história da Revista Realidade, para o nosso trabalho, o que era importante dizer, já foi dito, chegando agora o momento de fazer a ponte entre este "produto"da empresa Civita e o próximo:a revista **Veja**.

1.2 Veja

> "Você pega a Veja, ela tem uma fórmula, um formato. Até o espelho pronto. Você troca a equipe da Veja, numa outra semana outra uma outra equipe faz uma revista quase igual. Se você conseguir gente igualmente boa. Ela tem um modelo já consagrado no mundo inteiro". *José Hamilton Ribeiro* Aput FILHO:1997:182

Com base no que estudamos até o momento, chegamos a conclusão que a experiência positiva dos primeiros números de **Realidade** foi fundamental para que seu diretor, o jornalista e empresário Victor Civita, ampliasse seu empreendimento com uma segunda revista. Já tendo passado pela experiência de recolhimento de alguns números de **Realidade**, devido a liberdade de expressão que conferiu aos que a fizeram acontecer, na nova revista, havia a necessidade de "acertar a mão", sem perder de vista a fórmula do sucesso de **Realidade** e ao mesmo tempo não se tornar alvo da censura. Talvez, sem ter dimensão do império que o aguardava, com capacidade de superar em números publicações como **Capricho**, **Manequim**, **Cláudia**, **Homem**, **Playboy** e a própria **Realidade**, porém, com grande entusiasmo com relação ao futuro, nasceu o número zero de **Veja**.

Passados meados de 1968, o ano que não terminou, segundo Zuenir Ventura, e também

[17] FILHO: 1997:37

[18] "De fato, o que sobrevive não é conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efectuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa: os historiadores."LE GOFF:1984:12

o ano de despedida de Chatô, [19] em meio a tantos acontecimentos, nascia aquela que seria a menina dos olhos da editora Abril: **Veja**. **Veja** - o nome sugere uma revista ilustrada, mas o objetivo por trás de **Veja** era **LEIA**. As fotografias em vários formatos e tamanhos tinham a função de fortalecer a narração textual, o que confere um sentido diferente da produção narrativa à partir da fotografia.

A editoração de **Veja**, foi a editoração de um produto estrategicamente copiado dos **newsmagazines** dos EUA pelo empreendedor Civita para vender e seguramente lucrar. Segundo o repórter José Hamilton Ribeiro, era uma cópia de uma revista americana, em que até os nomes das seções foram copiadas.[20] Menor que as publicações ilustradas tradicionais, com papel de menor densidade, com pequenos ajustes que permitiam reduzir o preço final da publicação, que pretendia atingir um público maior que a tradicional elite das capitais.

Tudo no seu devido tempo, **Veja** demorou um pouco para se firmar enquanto revista de grande expressão; **O Cruzeiro**, **Manchete** e **Realidade** continuavam as preferidas do disputado cliente. O que não representou um grande problema para o entusiasmado e habilidoso empresário, Victor Civita:

> Agora nasce VEJA. Para fazê-la, selecionamos 100 entre 1.800 candidatos universitários de todos os Estados e realizamos um inédito Curso Intensivo de Jornalismo. Ao término do Curso, com cinqüenta dêsses moços e outros tantos jovens "veteranos", formamos a maior equipe redacional já reunida por uma revista brasileira. Enviamos editôres e redatores para o exterior a fim de observar as principais revistas congêneres em ação. Abrimos ou ampliamos escritórios regionais em tôdas as grandes cidades do País e montamos uma complexa rêde de telecomunicações para mantê-los em contato constante com a redação em São Paulo.
> Para a cobertura internacional, contratamos os serviços de agências noticiosas e revistas de prestígio mundial: **Paris-Match**, da França; **Newsweek**, dos Estados Unidos; **Epoca**, da Itália; e **Der Spiegel**, da Alemanha. Finalmente, no decorrer dos últimos três meses, preparamos treze edições experimentais completas com capa, texto, fotos e anúncios, a fim de treinarmos para a grande jornada que hoje se inicia.
> O Brasil não pode mais ser o velho arquipélago separado pela distância, o espaço geográfico, a ignorância, os preconceitos e os regionalismos: precisa de informação rápida e objetiva a fim de escolher rumos novos. Precisa saber o que está acontecendo nas fronteiras da ciência, da tecnologia e da arte no mundo inteiro. Precisa acompanhar o extraordinário desenvolvimento dos negócios, da educação, do esporte, da religião. Precisa, enfim, estar bem informado. E este é o objetivo de VEJA.[21]

[19] pelo menos no plano físico, Assis morreu em abril de 1968.
[20] FILHO:1997:172
[21] Victor Civita in: Carta ao leitor, Revista Veja, setembro de 1968.

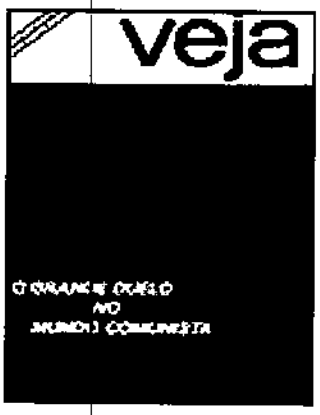
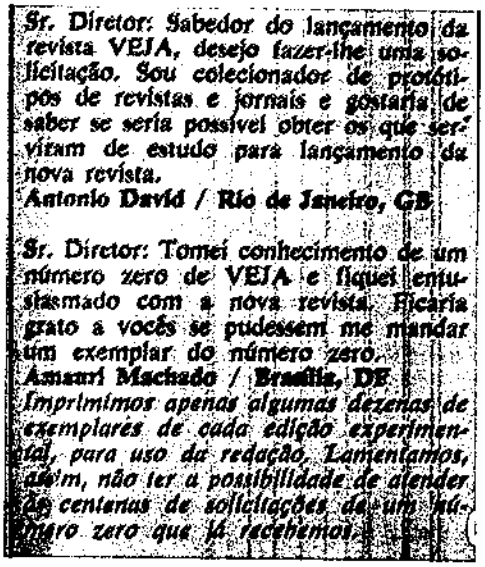


Figura 6: Capa da primeira edição de **Veja**



Sr. Diretor: Sabedor do lançamento da revista VEJA, desejo fazer-lhe uma solicitação. Sou colecionador de protótipos de revistas e jornais e gostaria de saber se seria possível obter os que serviram de estudo para lançamento da nova revista.
Antonio David / Rio de Janeiro, GB

Sr. Diretor: Tomei conhecimento de um número zero de VEJA e fiquei entusiasmado com a nova revista. Ficaria grato a vocês se pudessem me mandar um exemplar do número zero.
Amauri Machado / Brasília, DF

Imprimimos apenas algumas dezenas de exemplares de cada edição experimental, para uso da redação. Lamentamos, além, não ter a possibilidade de atender às centenas de solicitações de um número zero que já recebemos.

Figura 7: A "Edicao Zero"nunca foi às bancas

Destacamos desta fala uma característica marcante no lançamento de **Veja**, ela inaugura uma outra fase do jornalismo de revista no Brasil, além de seguir o formato das **newsmagazines**: os profissionais escolhidos cursavam faculdade, coisa que não acontecia normalmente até então. A própria**Realidade**, que tanto sucesso fez, foi composta por profissionais autodidatas,como tantas outras do período. A lei 5.250/67, que regulamentava a profissão de jornalista, foi posta em prática pela primeira vez pela revista **Veja**. [22]

Apesar das palavras otimistas do seu fundador apresentadas na inauguração e da expectativa gerada, demorou um pouco para **Veja** "acertar a mão". Além de não ter agradado o público de início, como a Realidade, este logo constatou que além de ser uma revista de variedades, era também de muitas propagandas, o que fez com que fosse alvo de críticas desde seu lançamento. Na edição n.03,lemos cartas de leitores insatisfeitos manifestando sua indignação, em seguida a resposta da revista:

> "Sr. Diretor: Se o objetivo de Veja é o de anúncios em profusão, aplaudo a iniciativa: no gênero está excelente."CÉLIO MENEZES / FORTALEZA / CE"
> "Sr.Diretor: Fazerem aquela polêmica tôda pelo rádio, televisão e cinema para lançar uma revista com tanto anúncio."
> "Sr.Diretor: Contei 65 publicidades em 140 páginas. No meu ponto de vista, exageraram um pouco". GERCINO DOS SANTOS /Brasília / DF
> Resposta do editor: "O objetivo de VEJA é a informação, e propaganda também é informação. Sem propaganda, uma revista não é revista, assim

[22]Filho:1997:16

> como um bolo não cresce sem fermento. Propaganda é o que permite vender por NCr$ 1,00. Se não fosse isso, VEJA custaria três vezes mais".

Ao contrário de **Realidade** que, como já mencionamos acima, fez sucesso já em seu lançamento, Veja amargou por tempo nas mãos de Mino Carta, não por falta de competência deste para levar o projeto adiante, e sim pela dificuldade em conciliar seu objetivo pessoal de não se prestar ao jogo do poder, com as características do período em que a política limitava a possibilidade de expressão do jornalismo crítico. [23]

Já tendo trabalhado para a Abril em anos anteriores, Mino aceitou tocar adiante o empreendimento, deixando a direção do **Jornal da Tarde**, de organização **O Estado de S. Paulo**, onde dispunha de total liberdade técnica para dirigir **Veja** com a condição de ter autonomia de vôo. Acordo feito, foram muitas as dificuldades que Mino encontrou pela frente:

> "A revista Veja teve dias e anos difíceis desde o lançamento. Primeiro, porque representava um modelo de publicação desconhecido do chamado grande público. Segundo, porque, para complicar as coisas, Mino e a redação levaram muito tempo para acertar a mão. Terceiro, porque a situação política, que já era péssima, complicou-se ainda mais três meses depois da estréia. Sem contar que o nome, Veja, imposto pelo chairman, sugeria uma revista ilustrada, quando seu objetivo era ser lida."[24]

Com toda dificuldade, o projeto seguia meio bambo - orçamento no limite. O tão criticado excesso de anúncios não estava sendo capaz de pagar a revista de NCr$ 1,00. Diante do quadro desfavorável, acordos foram feitos, antes que **Veja** tomasse o mesmo rumo que **Realidade**.

Como podemos verificar através da história de revistas como **O Cruzeiro** e **Manchete** não é apenas a propaganda que permite uma revista alavancar suas vendas. Para não quebrar a tradição histórica de apadrinhamento político para ascenção de um periódico, Roberto Civita, filho de Vitor Civita, negocia **Veja** em 1976. Sai Mino Carta, diretor de redação, entram muitos milhões de dólares liberados de um financiamento da Caixa Econômica Federal para saldar as dívidas do empreendimento.

De tempos em tempos os acordos são refeitos, é assim que se mantém no topo uma revista que almeja grande expressão, altas tiragens, lucro, no território dos poucos alfabetizados da década de 1970, 1980, 1990, 2000. [25]

[23] CARTA:2000:173
[24] Carta:2000:161
[25] http://www.novae.inf.br/pensadores/veja-invencoes-elite.htm

Mesmo com a entrada do capital, nova direção, demorou para o grupo de elite de **Veja** conseguir a projeção esperada. Só na edição n.634, de 27/10/1980 foi possível verificar que o apoio político/financeiro recebido e devidamente empregado finalmente fez com que **Veja** atingisse seu objetivo, que logo foi propagandeando:

> "Há cinco semanas, VEJA vende mais de 400.000 exemplares por edição. É mais um marco da extraordinária evolução da maior revista semanal do pais"

Desde de então, **Veja** tem se projetado como a revista semanal mais lida do Brasil.

Passadas décadas da editoração da primeira **Veja**, Mino Carta, seu primeiro editor, narrou uma ficção, **O Castelo da Âmbar**, contando sua passagem por **Veja** e seu desafeto pela família Civita. Critica a postura da impresa em barganhar apoio político por recursos financeiros e nos chama atenção quanto a este relacionamento:

> Reparem: a nossa imprensa serve ao poder porque o integra compactamente, mesmo quando, no dia-a-dia, toma posições contra o governo ou contra um ou outro poderoso. As conveniências de todos aqueles que têm direito a assento à mesa do poder entrelaçam-se indissoluvelmente. [26]

Critica também a postura de colegas que aceitam a barganha:

> "Neto e filho de jornalistas, não atribui à profissão o valor pretendido por inúmeros colegas. Pelo contrário, sempre entendeu que ela se presta ao jogo do poder porque os próprios patrões da comunicação estão sentados à mesa e distribuem as cartas".Carta:2000:173

A primeira fase de **Veja** foi marcada por uma tentativa sufocada de Mino Carta, de mostrar de alguma forma a violência velada que imperava no Brasil da década de 60 e 70, em que o **Conselho de Imprensa** era formada pelos próprios políticos que estavam no poder. Ironicamente, não existe **Conselho de Impresa** pois isso fere a liberdade de expressão da mesma. Enquanto isso, **Veja**, como toda mídia, continua a ser tendenciosa. Com a diferença, de que nem toda mídia tem a expressão de Veja.

Após termos feito esta viagem pelo tempo, partindo do nascimento da fotografia até chegar às revistas ilustradas, das revistas ilustradas para a **Veja**, que tem dominado esse mercado a partir da década de 80, se destacando até hoje pela longevidade e atuação, faço os esclarecimentos dos motivos maiores que nos trouxeram a esta pesquisa.

[26] Carta:2000:173

Este TCC compreende a investigação de 903 exemplares de **Veja**, no período que data de 1968 a 1985, dezessete anos de história. Espero que estes fatos, somados ao conteúdo redigido neste capítulo tenham sido relevantes o bastante para justificar a escolha por este periódico e não outro.

Antes de despertar o olhar que me levou a conhecer a história de **Veja**, que por sua vez nos remeteu a história das revistas ilustradas, houve uma pergunta que desencadeou o processo, uma motivação maior me conduziu: - Por que as fotos de assassinos eram "assim"? "Assim como"? Havia algo diferente na foto dos assassinos, mas não sabia o que era. Então parti para investigação, elaborando uma nova pergunta: - Haveria uma narrativa não verbal nas fotografias de assassinos nos periódicos ilustrados? Para encontrar a resposta, deveria escolher um periódico e pesquisar. **Veja** foi a escolhida.

O caminho percorrido até aqui de conhecer os antecedentes da criação da **Veja**, era obscuro no momento da escolha. Minhas descobertas se deram ao longo da pesquisa, muitas dessas descobertas não foram abordadas porque não cabia ao momento.

Uma descoberta que deve ser revelada, foi a surpresa de constatar que apesar do crime de assassinato e a fotografia do assassino ter um lugar reservado no periódico, alguns lugares não foram preenchidos. Quero dizer com isso que a fotografia de muitos criminosos nunca foi mostradas, motivo pelo qual, optei em deixar espaços em branco simbolizando os assassinos que a revista não revelou.

Na ocasião do nascimento da revista, como bem já estudamos, era véspera do AI5. Este período, nefasto de nossa história, não pode ser lembrado sem que junto desenterrassemos histórias de assassinatos, torturas e mortes; histórias essas que perderam seu lugar para apologia discreta ao regime, sob pressão ou não, ficando o lugar que poderia ser dos ditadores assassinos reservados apenas para o assassino comum.

Outra descoberta que deve ser revelada, é que há sim uma forma diferenciada de se apresentar uma foto de assassino, destacado-o em ângulos que possam ser vistos por entre grades ou com expressão de afronta como se essa expressão de afronta, fosse uma confissão.

Alguns assassinos são poupados dessa forma de serem retratados, como no caso do assassinato da atriz Leila Diniz, em que o homicida, aparece de cabeça baixa, como se estive pedindo piedade por seu crime.

No caso do homicida José Vieira Neto Leme, [27] houve a necessidade de se compor

[27] O filho vai matar Veja 854 16/11/85

texto, de forma a justificar o crime, e enfatizar a expressão de arrependimento e dor do assassino.

Lúcio Flávio, também ficou entre os assassinos com "rosto de mocinho", consagrado pela própria revista, como um bandido quase herói, bonito, branco, inteligente. Depois que sua vida virou livro e filme, teve seu lugar reservado nas páginas de **Veja**.

O tratamento dado ao criminoso e a escolha da foto a ilustrar o texto são diferenciados de acordo com sua origem social. De trinta fotos, quinze eram de assassinos negros. Intrigou-me o fato de que durante toda pesquisa, o único espaço em que apareciam fotos de negros eram nesses casos, ou crimes menores como tráfico de drogas.

Apesar de ser um descoberta interessante, não me atrevo a explorá-la, deixando o campo aberto para os pesquisadores da área.

Esses foram alguns apontamentos, curiosidades encontradas na leitura narrativa das fotografias de assassinos selecionadas.

Tendo esclarecido os motivadores da escolha da revista **Veja** para responder a questão, resta-me, esclarecer uma segunda parte da mesma indagação: Por que assassinos?

2 *Porquê assassinos?*

> Eu sempre tive fetiche por assassinato e morte.
> *David Berkowitz* Apud:Casoy:2002:283

Assim como David Berkowitz, acho que sempre tive fetiche por assassinato e morte, ou passei a ter, a partir de um determindo momento. Porém, ao contrário do serial killer, nunca matei ninguém, pelo menos até o presente momento não tenho planos de cometê-lo no futuro pois o que me aproxima deles é também o que me repele: essa necessidade de exercer poder sobre o outro a qualquer custo.

Para desenvolver esta segunda parte da resposta,peço licença para contar uma parte da história que pode ser registrada e desculpas adiantadas por não conseguir fazê-lo, sem me remeter a uma arqueologia pessoal; "tempo de lembrar", como diria Ecléa Bosi.

O primeiro e único assassinato real que presenciei foi o de uma galinha. Aos 8 anos de idade, minha mãe me escolheu para ajudá-la na tarefa que em breve cumpriria sozinha: assassinar galinhas para o almoço!

Aos oito anos, já conhecemos as coisas o bastante para saber que o frango, o bife, o peixe que comemos não são frutos que dão em árvores.

Não foram poucas às vezes que minha mente se colocou a divagar criando imagens de árvores de coxas de galinha, hambúrgueres, churrasco, etc.; no íntimo a recusa em aceitar o que chamava de injustiça da natureza, que nos fez tão apegados ao sabor da carne, produto obtido através de violência e morte para satisfação dos nossos prazeres e necessidades criadas cuturalmente, que de tão enraizados, tornam-se verdades.

Um dia qualquer, na ida para escola, o tumulto. Todos comentando do estupro seguido de morte, à poucas horas, da menina da terceira séria. Dela lembro apenas que era crente, sardenta, usava saias longas, vinha para escola acompanhada da mãe e do irmão, mas naquele dia estava só.

Até a descoberta e linchamento do criminoso, que meus pais não me deixaram ver os pedaços do cadáver soltos pela rua, pois para isso eu ainda era criança, e afinal, assassinato

ECA

de bicho de comer, para o nosso padrão cultural é diferente de assassinato de gente; tivemos mais três casos em menos de um ano, duas sobreviveram.

Aproximando-me de uma década de vida, já pude presenciar emoções mais fortes: o corpo ainda em sangue vivo, porém coberto, do Joãozinho, ex cliente do Bar Azul, que na época pertencia a meus pais. O suicídio aconteceu nas primeiras luzes da manhã, após ter feito seu desjejum em nosso estabelecimento; ou seja, uma "caninha 51", "rabo de galo"ou simplesmente uma cerveja.

Este acontecimento foi decisivo para a negociação do ponto, pois minha mãe se entristecia com o dinheiro que entrava as custas da desgraça alheia. Eis uma afirmativa dela, antes de passar o ponto, da qual concordo: *"ninguém vai para o bar, beber às sete da manhã todos os dias porque a vida está boa.Ganhar dinheiro as custas desses desgraçados, é atraso de vida".*

Na casa nova, agora já sem bar,[1] enquanto o gostoso cheiro do frango do almoço de domingo recendia por toda a casa, escutamos um barulho que não parecia ser dos típicos fogos de artifício do mês de São João. Dessa vez a curiosidade foi maior que a obediência e não teve quem me impedisse de ver como ficava a cabeça de alguém com uma bala no meio da testa.

O estrago foi menor do que eu esperava, então concluí em segredo, que certamente é melhor morrer com um tiro na testa do que com uma facada no peito. Sim, gostaria de dizer o contrário, mas infelizmente a morte do aspirante a traficante, que eu conhecia apenas de vista (os conhecidos diziam que era gente boa) não me causou tanta comoção quanto a morte da galinha.

Esse foi o primeiro de uma série de assassinatos que estavam por vir com o fenômemo da invasão dos consumidores e fornecedores de drogas, que fez do "Jardim Maria Antonia", "Jardim Dall'Orto", "Jardim Salermo",[2] uma das regiões mais perigosas para se viver em Sumaré, na década de 80. No Salermo, até hoje, polícia precisa de autorização para entrar a noite.

Quando as vítimas eram meninos maus, como "Pé grande", "Pózinho", "Tutti", "irmãos Gê", "Macarrão", "Ditinho"e tantos outros cujos apelidos não me recordo, havia um certo alívio com suas mortes; os moradores davam graças a Deus. Quando as vítimas eram os meninos bonzinhos, que se envolveram com a tráfico por pura imaturidade, havia grande

[1]Mas com um outro na esquina pertecente ao vizinho. Em bairro de pobre, cada esquina tem um bar ou um templo cristão popularmente conhecido como igreja

[2]De jardim não havia nada, nem rede de esgoto ou asfalto

comoção. Não seria exagero dizer que o assassianto de João Vanderlei Pin (ainda estava em carreira inicial) fez chorar uma multidão. Wagner, o Wagnão, que era apenas um teco-teco e hoje jaz a sete palmas da terra também teve quem por ele derramasse lágrimas.

Não que a minha infância e adolescência, tenham sido muito diferente da maioria de meus amigos, mas o meu olhar perante os fatos ocorridos, certamente sim. Tentar entender tudo isso, seria o mesmo que tentar entender vida/morte e seus porquês, ou seja, questões inerentes ao ser humano em toda sua história.

Relembrar essas passagens idas, significou as metáforas que construí quando ainda não fazia uma ponte do porquê essas lembraças nunca me abandonarem, sombras que carrego sem que sejam notadas. Eis que fui amadurecendo no decorrer do estudo para esta monografia e me vi no conto que a introduz, ou melhor dizendo, vi a todos nos, seres humanos, naquele conto. Sadismo, prazer, violência, ingenuidade, fantasia. Se em algum momento, desejei entrar nos desejos alheios, e descobrir o que levava alguém a ser um criminoso, por trás da aparente curiosidade em explorar fotografias de assassinos, no decorrer deste trabalho, me conformei em deixar os segredos permanecerem e encarar os fatos com mais naturalidade, assim como as crianças que brincavam no conto da introdução.

Deixando de lado, essa necessidade de desvendar mistérios tão bem guardados, para dar voz as palavras de Bosi:

> O que poderá mudar enquanto a criança escuta na sala discursos igualitários e observa na cozinha o sacrifício constante dos empregados? A verdadeira mudança dá-se a perceber no interior, no concreto, no quotidiano, no miúdo; os abalos exteriores não modicam o essencial. Eis a filosofia que transmitida à criança, qua a absorve junto com a grandeza dos socialmente "pequenos"a quem votamos nossa primeira afeição e que podem guiar nossa percepção nascente do mundo. Depois esse tempo ficará o tempo subjacente, dominado, e mergulharemos no tempo da classe dominante que prepondera uma vez que assume o controle da vida social.1994:268

Essa criança da qual escreve a historiadora Ecléa Bosi, se aproxima daquela que ainda encontra arrego em meu colo, que se fez presente no momento em que lemos Casoy e que visitamos o Museu do Crime em São Paulo. Em cada história de assassinato,fotografia de corpos mutilados, faces de homicidas construídas a cera um pouco da memória pessoal: a cabeça de um morto com uma bala no crânio, o corpo do suicida pendurado no banheiro, pedaços das vítimas de Chico picadinho cortadas como se fossem as galinhas do almoço de domingo, todos os fantásmas juntos, reunidos numa sala de museu, podendo ser encarados frente a frente eis o porquê de escolher as imagens de assassinos.

2.1 Imagens

> As imagens e sons em movimento, cinema, TV e vídeo, contam histórias e celebram visualmente modos de ver e estar no mundo. Neste narrar, vemos rostos, faces e pedaços de corpos que retratam emoções, sentimentos e paixões. A face, no cinema, se constrói como modelo de valores morais, políticos e econômicos e nos educam, cultivando visualmente nossa iteligibilidade do mundo.
> Porém, olhamos e compreendemos as expressões faciais como expressão das paixões porque aprendemos a vê-las, aprendemos a interpretá-las, em nossas vidas, em nossas relações sociais, em nossa história e na história. Compreendemos as imagens porque elas têm memória. Miranda: 2001

Foi um ser humano, com um álbum fotográfico muito particular registrado na memória somado a muitas interrogações, que buscou estudar fotografias de "assassinos"na revista **Veja**. Poderia ser fotografias de mulher, de criança, do negro. Poderia, mas precisava ser do "assassino". Se não para responder perguntas que se repetiam, pelo menos para compor um memorial satisfazendo o fetiche pelo assunto. Estudando a representação dessas imagens através do olhar do outro. Outro esse que além de possuir a câmera, possui o poder de mostrar suas verdades sobre os fatos como se fosse a própria representação da verdade coletiva:

> A máquina fotográfica (assim como a maquinaria industrial) é a tecnologia a serviço de uma ou de outra classe social e, nesse sentido, manipulável e construída, estando sempre, necessariamente, vinculada às relações determinadas que lhe dão forma. A máquina fotográfica, assim como sua linguagem, irá reproduzir a ótica de classe dos homens que a manipularem em determinado contexto e tempo. Borges:2004:23

Procurar uma narrativa visual/textual em fotografias de assassinos publicadas é também procurar o olhar por trás da máquina da imprensa, o olhar do editor de imagens, o olhar da Veja. Após algum tempo de trabalho, foi possível deduzir que o assassino é homem, pobre, negro ou mulato. Reforçando algo que já dissemos, não sabia de antemão que o caminho que percorreria me levaria a essa descoberta, comprovada por um evidência registrada, a fotografia.

A longo prazo, com a repetição dessas imagens, o leitor as enxerga com naturalidade, com isso, naturaliza-se também a imagem do negro como assassino, como ladrão. Até que ponto a construção dessa imagem tem ligação com real, cabe a outros campos de pesquisa analisar, nosso trabalho se resume a identificar a ocorrência e refletirmos sobre o significado da imagem que vemos na revista **Veja**, mas que também pode esta em outros veículos de comunicação. Nas palavras de Almeida:

> "Hoje, a maior parte das populações vê o real naturalizado, reproduzido pela fotografia, pela cinematografia, pela videografia, como a verdadeira representação visual do real. Como uma VIRTUDE artística e científica, a PERSPECTIVA, governa a educação visual contemporânea e, em estética e política, reconstrói, à sua maneira, a história de homens e sociedades". 1999

Quando lemos uma revista ilustrada como a **Veja**, geralmente encaramos as fotografias apenas como ilustração textual, Almeida nos mostra que elas são mais do isso. Não sendo profissional da área ou estudioso do assunto não temos a dimensão da importância da imagem fotográfica e sua influência no olhar do leitor.

Em entrevista para FILHO sobre a escolha de fotos para revista **Realidade**, Luigi Mamprin, que também foi fotógrafo da primeira geração de **Veja**, fala sobre o assunto:

"Para nós, a seleção das fotos era uma festa. Porque, quando voltavámos de algum trabalho, botavámos o projetor. Todo mundo ficava ali olhando. Do diretor até a secretária. Coçavámos a fazer a seleção. Chegava a hora em que dava aquela tristeza porque a gente tinha uma grande abundância de material. Chegavámos com 1000 fotografias para aproveitar oito ou dez. É claro que tinha muita coisa repetida, que você selecionava pela qualidade sobre o mesmo assunto". Apud Filho:1997:111

Pelas palavras do profissional, percebe-se a importância da imagem para compor a idéia que o veículo de informação deseja transmitir. Se a revista tinha o objetivo de retratar o negro com tanta frequência como assassino, isso não podemos afirmar, porém, depois de passar pelo processo de selecionar as imagens para este TCC montá-las, editorá-las e vê-las próximas umas as outras, ficou evidente chegar a conclusão que existe uma forma de se retratar o assassino, e a frequência com que o negro aparece nas fotos ilustrando casos de assassinato e outros crimes, mas não aparece para ilustrar outros tipos de reportagens nos causou uma série de interrogações.

Quando esse processo não é feito, não se percebe a influência ideológica e a educação do olhar que está por trás da imagem, como tão bem colocou Milton José de Almeida:[3]

> Podemos pensar, por exemplo, nos telejornais como momentos diários em que, dentro de um estúdio de memória, imagens extraídas do real serão recolhidas para comporem, em estética e política, a memória do dia.

A semelhança do que foi dito sobre sobre os estúdios com os telejornais, a quantidade de vezes em que um estilo de fotografia é publicada e a frequência com que isso ocorre,

[3]Almeida, Educação e Sociedade [Apr. 2004, vol.25, no.86 07 December 2005], p.269-272.

ajuda a construir uma educação artificial da memória sobre o objeto observado, nos caso os assassinos. Raramente o leitor terá consciência que a imagem que lhe vem a mente quando a palavra assassino é pronunciada corresponde a imagem criada artificialmente. Simplesmente recebeu as informações, que foram arquivadas, aparecendo na mente quando solicitadas.

Segundo Coutinho:

> As imagens, ao aderirem à matéria que as suporta, adquirem um tipo muito particular da realidade e acronia. São reais pela materialidade com que se apresentam à visão e eternas porque podem surgir em qualquer momento presente, fazendo aflorar em tensão, o seu tempo-época, a história. São próprias do processo civilizador ocidental e cristão a demarcação de eventos e períodos e a produção de suas imagéticas naturalizadas. A representação imagética de eventos acelera o processo de identificação que, pela tradição narrativa centrada na palavra, era realizada somente pela descrição de locais, cenários pessoas, exigindo que o leitor-ouvinte recorresse a um repertório de situações guardadas na própria memória para ativar a situação. Muitas dessas situações já nos foram dadas pelas imagens de pinturas, da fotografia, do cinema e da televisão, constituindo-se num imenso repertório coletivo de cenários e locais inesqueciveis. Coutinho:2001:80

No decorrer do trabalho, essas palavras de Coutinho, me vinham a mente quando passava rapidamente folha por folha da revista Veja em busca de fotografias de assassinos. A construção mental que estava definida no meu olhar sobre a imagem do assassino, estava tão colada as imagens reproduzidas em pinturas no cinema e outros veículos de transmissão de imagens, que em algums momentos nem me preocupava em ler a chamada, ia direto a foto que aparentava ser um rosto "mau", sabia exatamente quando deveria parar de folhear e me deter na foto, quando encontrasse uma feição "má". E quando raramente encontrava a foto de um negro, era para ilustrar um caso de assassinato ou outro crime.

2.2 Assassinato

> A confissão de M, tanto pode condená-lo como absolvê-lo. Um paradoxo da justiça: um homem que não pode controlar a si mesmo, tanto pode ser culpado quanto inocente. As duas senteças são verdadeiras. Culpado porque mata, comete o ato; inocente, porque não pode se controlar, porque não é o sujeito da ação, mas um objeto, um instrumento, pelo qual a força maligna age. Uma marionete de mau ou seu comparsa? Miranda:2000:91

Matar e morrer são eventos naturais da própria vida, precisei de muito tempo para aceitar isso como um fato; somos culturalmente educados e ver o assassinato como um

crime a ser punido, afinal, segundo a lei, ninguém tem o direito de tirar a vida de outro. Como as leis não são mais fortes que os desejos humanos, o crime de assassinato sempre existiu e continua a existir, não sem punição.

O assassinato do homem pelo próprio homem, considerado um dos maiores crimes que se comete perde apenas para o canibalismo:

> A ingestão de carne humana é considerada o ato mais profano e o comportamento mais anti-social que se possa imaginar. Vistos como bárbaros e selvagens pela cultura européia, indivíduos que comem seus semelhantes são classificados como pertencentes a um estágio de pré-civilização. **ApinanPoshyanabda** Apud Roteiros:1998:162

Entender o que leva alguém a cometer um assassinato, seguido ou não de canibalismo, é uma fonte rica de pesquisa; que o diga os antropólogos, os criminólogos do século XX, que o diga a escritora Ilana Casoy e seus assassinos em série, que o diga todos escritores de ficção que usam de uma trama de assassinato para atrair o leitor.

Tentar desvendar o que leva uma pessoa a torna-se assassina, quais características biológicas, psicológicas, sociológicas, etc. para impedir sua ação futura tem sido a árdua tarefa da criminologia a pelo menos três séculos. Até determinado ponto, ingenuamente, pois os mecanismos complexos da mente humana são superiores a capacidade de compreensão e abrangência do método científico. Porém, ainda é esse o caminho mais conhecido a ser percorrido, como bem escreveu Daniel Cerqueira:

> Os criminólogos que, principalmente a partir do século XX, esturam o assunto identificaram uma série de fatores criminogênicos que, combinados em proporções e situações específicas poderiam explicar a causação do crime. Desse modo, o que há na literatura são inúmeros modelos que focalizam alguns fatores em particular. Portanto, melhor do que perceber cada um dos modelos como uma panacéia que explique situações tão díspares, ou mesmo como modelos que dêem conta da generalidade do mundo criminal, menos ingênuo seria interpretá-los como matizes que podem ajudar a compor um quadro. 2004:02

Se o método científico tal como o conhecemos hoje tem os seus limites, ele se tornam ainda mais definido na tentativa de explicar fenômenos complexos como o funcionamento da mente do assassino, apesar das inúmeras tentativas:

> Muitos estudos têm mostrado nos últimos 20 anos que assassinos e criminosos ultraviolentos têm evidências precoces de doença cerebral. Por exemplo, em um estudo 20 de 31 assassinos confessos e sentenciados possuiam diagnósticos neurológicos específicos. Alguns dos presos tinham

> mais que um distúrbio, e nenhum sujeito era normal em todas as esferas. Entre os diagnósticos, estavam a esquizofrenia, depressão, epilepsia, alcoolismo, demência alcoólica, retardamento mental, paralisia cerebral, injúria cerebral, distúrbios dissociativos e outros. Mais de 64% dos criminosos pareciam ter anormalidades no lobo frontal. Quase 84% dos sujeitos tinham sido vítimas de severo abuso físico e/ou sexual. O grupo de assassinos incluiu membros de gangues, sequestradores, ladrões, assassinos seriais, um sentenciado que tinha matado seu filho pequeno, e outro que assassinara seus três irmãos. *Sabbatini* Apud Revista Cérebro e Mente

O perigo de estudos como o citado acima são as deduções feitas à partir deles e com isso a criação de mecanismo para controlar a possibilidade de nascimento de novos psicopatas, pode vir a tornar-se, em última análise, o controle absoluto dos corpos pela medicina e biologia, tema que a literatura e o cinema já exploram a séculos.

Minority Report, Philip K. Dick, conta a historia de jovens com sensibilidade especial para prever crimes que ocorrerão, dessa forma o futuro criminoso é preso antes de torná-lo real. Eis o sonho da sociedade, que a ciência persegue com devoção: saber da ocorrência de um evento dessa natureza antes que ele ocorra. Por enquanto, o máximo que se conseguiu foi transportá-lo para a grande tela, o que não é pouca coisa, já que é principalmente na literatura de suspense e no cinema que esse vácuo do conhecimento, torna-se uma fonte inesgotável de produção; de novas possibilidades de responder à questões intrigantes referentes ao misterioso assunto, que a ciência não desiste de tentar desvendar, afinal, nossa educação pós positivismo nos ensina a buscar uma explicação metódica para tudo, daí a necessidade de entender até o que não é entendível pelo própria limitação do método e complexidade humana.

Na escola aprendemos que possuímos 5 sentidos, visão, audição, tato, paladar e olfato para nos ligar ao mundo. Antes destes sentidos serem identificados, eles já existiam e exerciam sua função, independente do homem ter ou não consciência disso. Ao se estabeler que temos apenas 5 sentidos, fecham-se as possibilidades de investigar os outros sentidos que nos ligam ao mundo, em linhas gerais, falta a sociedade enfatizar à provisoriedade dos modelos. Citando Dawkins:

> Nosso ensino, mesmo que de maneira inconsciente, tinha uma visão de Ciência como a grande dona da verdade, capaz de responder a qualquer questão e solucionar qualquer problema da realidade. Começamos a considerar, a discutir, que os modelos científicos são provisórios e evoluem ao longo da história, ou seja, que a Ciência não pode ser ensinada como um produto acabado, que ela é fruto das criações de homens com determinadas visões de mundo e propensos a erros e acertos. Passamos

> a explorar e enfatizar a idéia de provisoriedade dos modelos científicos, de que nem a Ciência, nem o professor são donos da verdade. 2000:04

Estando de acordo com o que o autor propõe e observando o crime de assassinato como uma expressão do desejo humano, como citado na introdução desse TCC, incluo o desejo, como um desses sentidos que permanecem ocultos; cujas caracteríscas são de caráter extremamente particular. Nossas vidas sem desejo não teria razão de ser. Sem a visão, que aparentemente, é o nosso portão de entrada para o mundo, vivemos muito bem e temos a possibilidade de explorara-lo através do tato, da audição e de tudo que os outros sentidos permitem chegar até nós, mas para um montante de coisas nas quais a visão faz-se necessária para despertar o desejo, há uma limitação.

> Do ponto de vista da intervenção pública para manutenção da paz social, não importa conhecer a verdade. Importa, antes de mais nada reconhecer se em uma determinda região há alguma regularidade estatística entre aqueles fatores criminogênicos, concretos (presença de armas, drogas, etc.) ou imaginários (supervisão familiar, reconhecimento, etc.) e, além disso, saber se o Estado possui instrumentos para intervir nessa regularidade, direta ou indiretamente com a participação da própria sociedade. As teorias de causação do crime, ao lançarem luz sobre determinadas variáveis e sua epidemologia, permitem que o planejador do Estado, escolhe dentre inúmeras variáveis aquelas que supostamente devem ser as mais importantes. Os modelos empíricos, ao detalharem a metodologia de aferição, possibilitam a centralização das atenções e dos escassos recursos públicos em algumas poucas variáveis, que podem não explicar uma verdade universal, mas interferem decisavamente (com maior probabilidade) na dinâmica criminal daquela região onde se quer intervir. Desso modo o planejador público que acreditar piamente num único modelo de causação criminal (seja qual for) para tomar sua decisões e orientar suas ações e recursos estará fadado a utilizar um leito de Procusto, algumas vezes com êxito, outras não, a depender do cliente ou da situação em particular. Daí a necessidade da multidisciplinaridade: um meio de aumentar o conjunto de instrumentos de análise e intervenção pública para um objeto extremamente complexo. Cerqueira:2004:03

Com toda especulação feita até agora sobre assassinato, espero que tenha sido possível verificar até o momento, que a escolha que fiz em pesquisar fotografias de assassinos na revista **Veja** tem um fundo emocional que busca se aproximar do assassino. Se optasse por desenvolver este trabalho através de estudos de criminologia comparada teríamos um longo caminho a trilhar para no final chegarmos a conclusão que de fato aquilo que faz com uma pessoa venha a se tornar assassina de outras da mesma raça é ainda um mistério, como bem concluiu Miranda em sua tese **Educação da Face: o cinema e a expressão das paixões**.

Essas foram algumas das trilhas que a pergunta geradora me levou a percorrer, e que dentro da perspectiva materialista histórica, de acordo com BORGES, está a serviço de uma ou outra classe social, sendo manipulada de acordo com a necessidade do contexto e do tempo. Não sendo exatamente uma adepta do Marxismo, mas compartilhando nesse caso, a leitura de Borges, a fotografia de assassinos dentro da revista adquire uma característica peculiar: além de promover uma educação artificial da memória de seus leitores, nos apresenta o discurso por trás do instante da fotografia:

> O fotojornalismo tem como objetivo mostrar o que acontece no momento, construindo sua linguagem no que Pedro Sousa denomina discurso do instante, cujo testemunho tem sua força contextualizada temporalmente no flagrante, no imediato. A fotografia documental, por sua vez, procura sintetizar em registros fotográficos a essência de um período através de temas mais ou menos amplos, abrangendo temporalidades de larga duração. Porém, apesar destas diferenças, o fotojornalismo e a fotografia-documental pertencem ao mesmo campo de objetivos e às vezes, de acordo com o fotógrafo podem mesclar-se, como no caso do brasileiro Sebastião Salgado que traz para o fotojornalismo (entendido de maneira ampla) a linguagem da fotografia documental e vice-versa, Borges:2003:52

Encontrei inspiração e referência para confecção deste TCC na tese de mestrado a Educação da Face o cinema e as expressões das paixões, na qual Carlos Eduardo, utiliza a linguagem do cinema e da literatura para explorar a construção da imagem do assassino:

> Iniciamos com o cinema, procurando em M (1931) de Fritz Lang vestígios de um educação visual das expressões faciais como expressões da alma. Seguimos adiante, indo ao século XVII para perceber como uma educação visual, advinda das proposições cartesianas, será captada por Charles Le Brun durante o reinando de Louis XIV, século do surgimento da reprodutividade técnica das imagens, da eletricidade, da fotografia e do cinema. Neste encontramos a formulação da idéia "científica"de uma linguagem universal das expressões faciais. Miranda:2000:49.

Assim como Miranda, também iniciei este trabalho procurando vestígios de uma possível educação facial do assassino, porém, ao invés de usar o cinema como objeto de investigação, utilizei a fotografia de criminosos homicidas da revista **Veja** e compartilho da mesma tese de que o que de fato faz o assassino ainda é um mistério.

Por fim, as impressões digitais usadas como fundo para fotos dos assassinos, não são ilustrações sem maior significado. Fazem parte de um série de imagens sobre curiosidades em datiloscopia.

Nessas impressões aparecem figuras de rosto e números. Quando as pessoas se deparam com essas curiosas impressões digitais, ficam tentando dar significado a elas. Como

clas estão dentro do Museu do Crime, é comum a pergunta se impressões muitos diferentes seriam indícios que seu dono seria um assassino em potêncial? Que mistério se escondia por trás das impressões tão bem desenhadas, coincidência?

Que essas impressões digitais ao fundo das fotos fique como uma lembraça de que apesar de haver uma educação da face do assassino revista **Veja**, na realidade não podemos afirmar que o assassino tem um traço de rosto, um tipo típico de expressão, uma cor de pele, pois é tudo uma grande mistério.

3 A morte

Eu quero dominar vida e morte. *Ted Bundy* Apud Casoy:2002:282

Figura 8: Chen Chieh-Jen Rule of law II: 1931-1997

O esquecimento é aquilo que nos permite aspirar à felicidade. *Fontacuberta* Apud Imagens:1996:07

> Como um mar, ao redor da soleada ilha da vida, a morte canta noite e dia a sua canção sem fim (Tagore).

Se a canção é boa de se ouvir isso só pode nos informar quem já morreu, mas como os mortos levam consigo segredos, eis que saberemos quando chegar o nosso dia de ouvir a canção.

Das certezas humanas, a mais absoluta que temos é da morte (será?). Podemos enfrentar vários tipos de morte:

> a que pode vir rápida e quando menos se espera, como uma onda que aparece de surpresa sem dizer de onde veio nem para onde vai - ontem mesmo festejava conosco;
> serena e perene - morreu com os anjos, dizem.
> da traição mais cruel - aborto;
> na próxima curva da esquina - um acidente;
> da forma mais terrível - pelas mãos do algoz;
> dolorida, quase infinita - doenças incuráveis;
> da tristeza mais profunda - pelas próprias mãos;
> do despreso do homem pelo homem - Morte Severina.
> É tão estranho, os bons morrem antes.

Não é possível sabermos que tipo de morte nos espera, nem quando. De uma sociedade que pretende ter controle até da morte, é possível deduzir o quanto ela é incoveniente, amedrontadora, e outros adjetivos não muito bem vindos. A morte representa o fim, o desconhecido, o acerto de contas, o grande misterio...

O apego ao corpo, à forma, à estética, as idéias, ao ego, ao estável, à necessidade de controle sobre a própria vida e consequentemente a morte, é em última instância o homem querendo ser dono de um poder que ele não tem. O desejo de controle sobre a morte dificulta o entendimento desse processo irreversível e facilita a abertura comercial para venda de todo tipo de produto que prometa saciar o desejo que cultivamos intimamente de nos aproximar do assunto.

Como consta no capítulo dois, com o nascimento da fotografia nascia também a possibilidade de registrar para a eteridade um momento, eis a conquista da imortalidade tão sonhada. Na contramão da história, os assassinos aparecem como pesadelos a nos pertubar o sono e o sonho de não morrer, abreviando um momento que insistimos em afastar.

Sabendo da nossa finitude e habitando um mundo em crise, no qual o caminho para os desvios que conduzem ao estado de bárbarie está paralelo a outros com possibilidades construtivas, escolher em qual trilhar, mais do que uma opção individual, parece ser um

jogo de azar pago com a própria vida ou de outrém. **Ted Bundy**, **Fritz Haarman**, **Albert Fish**, **Edward Gein**, **Andrei Chikatilo**, **Jeffrey Dahmer**, **Preto Amaral**, **Febronio Índio do Brasil**, **Benedito Moreira de Carvalho**, **Chico Picadinho**, **Vampiro de Niteroi**, **Adão** e tantos outros assassinos que não estão aqui listados, são exemplos disso.

Enquanto lutamos para tingir a eternidade, seja através do registro fotográfico ou na vida real, esses *Loucos ou Cruéis* no dizer de Ilana Casoy, estão se reproduzindo e nos mostrando a fragilidade de nossos sonhos. Somos frágeis, muito frágeis, a qualquer momento podemos nos tornar apenas cabeças amontodas a soma-se as mais de cem contadas na foto de **Chen Chieh-Jen**. [1]

Resta-nos saber o que fazer com esse temor de existirmos em um momento mas não ter a segurança de que existiremos em um próximo. As crianças também tem suas elucubrações, nós enquanto profissionais da educação, deveríamos ter condições de dialogar com as prerrogativas infantis referentes ao assunto, mas como fazê-lo se nossas próprias indagações superam as possibilidades de respostas convincentes? Roosevelt Cassorla (tanatologista - Unicamp) em *Da morte: Estudos Brasileiros* alerta que até os profissionais da área da saúde estão despreparados para lidar com os aspectos emocionais da morte. Álvaro José Vieira, em sua tese de doutorado *Pedagogia da Morte*, faz o seguinte comentário:

> Durante nossa pesquisa nas escolas, não poucas vezes formos surpreendidos pela presença da morte violenta, sobretudo entre adolescentes. "Você não viu o presunto ali no bar? Hoje o pessoal da quinta série está chocado, um menino da turma foi morto quase na frente da escola. Meu, o cara tá morto ali desde as seis horas da manhã, quando eu saí para trabalhar."A morte está na ruas, nas calçadas nas escolas, nos discursos, nas músicas - no rap principalmente - nas narrativas cinematográficas feitas pelos adolescentes, nos grafites espalhados pela região, nas roupas usadas pelos jovens. 2003:42

Realmente, a morte está em todos os lugares, assim como o assassino também. Para as crianças inconscientes de seu sadismo, a morte da pequena ave foi apenas uma brincadeira. Para essas maiores da quinta série, citadas na pesquisa de Vieira foi um choque ver o amigo morto e exposto aos olhares curiosos. Para uma revista ávida em fatos que chamem atenção do leitor, a fotografia do jovem morto e um texto bem redigido seria mais uma notícia a engrossar-lhe as páginas.

Foi assim, na Morte de escurinha, do casal vítima do jornalista famoso, do bandido

[1] Apud Roteiros:1998:155

Lúcio Flávio, etc. Em alguns casos, o assassino ganha status maior, como o Doca, que matou sua mulher, Leila Diniz, e teve direito a sair na primeira capa da edição 581.

Noticiar um assassinato contando a história que o procedeu é uma fórmula de sucesso com leitores de todos os tempos, se estiver acompanhada de fotos, tanto melhor, pois o conto ou seja a história narrada, se consagra como história real. Os contos de ficção colocados entre fotografias de assassinos tem a função de nos lembrar que não existe uma separação segura entre o contado e o real.

O destaque que o crime de assassinato e o assassino ocupada dentro da revista, foi observado com o olhos voltado para a tematica da morte, que afinal, é o elemento comum ao conjunto estudado. De uma forma ou de outra a notícia sempre chega até o leitor manipulada. Isso não é um previlégio da Veja. Fica a cargo de quem se interessar, percorrer o mesmo caminho usando como objeto de investigação, outro meio de comunicação impresso.

A sociedade ainda prefere ignorar falar abertamente sobre o tema, o que dificulta o trabalho de luto, ou seja o esforço que precisamos fazer para aprender a conviver com ela. Por outro lado, esse distanciamento, é o que facilita a comercialização de historias que transforma aqueles que brincavam a morte em mito, como o assaltante e homicida Lucio Flávio, por exemplo. Além da revista torná-lo famoso, teve direito a um filme sobre sua vida,**O passageiro da Agonia**, com reportagem promocional do mesmo na própria **Veja**. Pelo mistério que envolve o público com histórias de assassinos e assassinatos, elas transformam-se em produto de consumo.

Apesar da discussão que tivemos no capítulo anterior no remeter a morte, o assassino é uma fugura misteriosa porque mata, a morte é temida. A cultura que a teme, porém, não é um bloco único, há espaço para os que ao invés de chorarem os mortos, os festejam.

A morte de outros seres humanos, na ocasião do choque dos aviões contra as torres gêmeas no 11 de setembro foi motivo de lágrimas e festa. De um lado, choro e desespero. De outro, festejo e alegria, não apenas de alguns falantes de língua árabe, mas de outros povos que viam na personificação da morte de pessoas inocentes a morte de um símbolo do abusivo poder dos Estados unidos da América sob outras nações.

Festejar a morte do inimigo, é comum em qualquer cultura. Outras vão além, querem comer a carne do inimigo, adquirir o seu poder, mesmo simbolicamente (Ver foto da abertura do capítulo). Quando a morte resulta do duelo entre duas forças opostas, duas nações, não existe a pessoa nesse, caso. Existe apenas o inimigo personificado em um corpo

e sua morte representa a liberdade da sobrevivente. Na guerra pelo petróleio, soldados americanos festejam a morte de iraquianos[2] [3].

Não estariam os Judeus festejando a morte do líder palestino Iasser Arafat? Em nota oficial, o governo brasileiro envia condolências pelo "desaparecimento"do lider:

> O governo brasileiro expressa suas mais sinceras condolências pelo desaparecimento do presidente Yasser Arafat, líder histórico da luta do povo palestino por sua autodeterminação e sua independência. Neste momento de dor e tristeza, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva associa-se ao pesar do povo palestino.
> Certo de que as lideranças palestinas saberão manter vivos os ideais de seu incansável representante, o governo brasileiro reafirma o apoio à criação de um Estado palestino livre e soberano e à construção de um futuro de paz e prosperidade para o Oriente Médio."[4]

Observe que a nota se refere ao desaparecimento e não a morte. Desaparecido é aquele que está ausente, e o morto é aquele que não volta, a menos que se alimente a crença da reencarnação e mesmo assim, voltaria em outro corpo, vivendo uma nova história, não seria mais o líder Yasser Arafat.

A ausência da palavra morte, na nota do presidente, me indaga ao mesmo tempo que me responde. Os anjos desaparem e aparecem quando querem para o escolhido. Ao classificar o evento morte como deaparecimento, a nota presidencial reserva a Yasser Arafat o apogeu dos imortais, afinal frágeis somos nós.

No méxico se festeja a morte com festa e sorrisos. A atitude de festejar a morte também está presente na cultura japonesa. Nessa passagem da aldeia imaginária de Akira Kurosawa, o visitante se surpreende com a celebração da morte pelos aldeiãos:

> Morreu de que? Alguém pergunta,
> VISITANTE: Oi... Oi!
> ALDEÃO: Ah... Oi!
> VISITANTE: Qual o nome desta aldeia?
> ALDEÃO: Não tem nome. Nós a chamamos de "a aldeia". Os outros a chamam de "a aldeia dos moinhos de água".
> VISITANTE: Os aldeões... Todos vivem aqui?
> ALDEÃO: Não, eles vivem em outro lugar.
> VISITANTE: Vocês não têm energia elétrica?
> ALDEÃO: Não há necessidade disso. As pessoas parecem ter uma fraqueza pelas coisas cômodas. Para elas, o que é cômodo também é bom. No entanto, elas rejeitam as coisas verdadeiramente boas.

[2]Mesmo considerando que a revista **Veja** tem mostrado apenas iraquianos festejando a morte de civis americanos

[3]Edição 1848 - 7 de abril de 2004

[4]http://www.radiobras.gov.br

VISITANTE: Que tipo de luz vocês usam?
ALDEÃO: Nós temos velas e óleo de colza.
VISITANTE: Mas a noite deve permanecer escura...
ALDEÃO: A noite foi feita para isso! Noites iguais a dias? Não, obrigado! Não seríamos mais capazes de ver as estrelas. Seria lamentável...
VISITANTE: Vocês têm campos cultivados, porém não tratores ou outros veículos?
ALDEÃO: Sem necessidade... Temos bois e cavalos também.
VISITANTE: Qual combustível utilizam?
ALDEÃO: Madeira principalmente. Claro que seria uma pena ter que cortar uma árvore inteira, mas as partes mortas já nos são suficientes. Além disso, o carvão vegetal de poucas árvores aquece como uma imensa floresta. E eu quase esqueci o esterco, um excelente combustível! Nós tentamos preservar a vida natural de antigamente. As pessoas de hoje esqueceram que eram fragmentos da Natureza. Ainda que a Natureza seja a nossa vida, nós a maltratamos, procurando sempre extrair dela algo dito melhor. Especialmente os cientistas... Eles podem ser inteligentes, mas muitos deles ignoram o verdadeiro coração da Natureza. Orgulham-se de trabalhar em invenções que tornam os humanos infelizes. O pior é que os humanos, agradecidos, consideram tais invenções como milagres e grosseiramente exaltam seus criadores. Cegos perante o desaparecimento da Natureza, eles não percebem que impelem sua perda. Humanos somente precisam de ar limpo, água fresca e plantas que criam essas coisas. Tudo é maculado mais e mais, perdido para sempre. Desonrados, esta água e este ar então sujam o coração humano.
VISITANTE: Diga-me, quando eu vim recentemente para cá, vi crianças colocando flores perto da ponte... Por que isso?
ALDEÃO: Oh, sim, entendo... Meu pai dizia que, tempos atrás, um viajante doente morreu próximo à ponte. Compadecidos, os aldeões enterraram-no lá. Para a sepultura, eles usaram uma grande pedra e depositaram flores. Tornou-se uma tradição. E não somente crianças agora colocam flores, mas todos sem saberem o porquê. [música ao fundo]
VISITANTE: Há algum festival hoje?
ALDEÃO: Não, é um funeral. Não fique tão surpreso! É uma celebração! Uma boa vida, trabalhada, concluída, deve ser celebrada. Não temos monges nem templos na aldeia, então todos os aldeões acompanham o morto ao cemitério na colina. Mas não gostamos de celebrar a mortede jovens ou crianças. É difícil celebrar... Com esperança, a maioria de nós, vivendo próximo à Natureza, morrerá quando deve morrer. A mulher que será enterrada hoje tinha noventa e nove anos. Eu tenho que me juntar à celebração, com licença. Devo dizer que essa mulher foi meu primeiro amor. Ela quebrou meu coração quando se casou com outro homem [risos].
VISITANTE: Aliás, quantos anos o senhor tem?
ALDEÃO: Eu? Tenho cento e três anos, uma boa idade para parar de viver, mas escute, dizem que a vida é dura, o que não é verdade. A verdade é que é um prazer viver, é fascinante... Kurosawa: 1990.

5

Aqueles que tem motivos para celebrar a morte, é porque souberam celebrar a vida. Diferente dos japoneses, nossa cultura ocidental lida com morte como um castigo divino, sombras do cristianismo. Seria tão mais simples se a observassemos como uma passagem. Enquanto isso a morte continua sendo um assunto pouco discutido, quem perde com isso somos nós, pois é a nosso medo de falar abertamente sobre o assunto que nos torna ignorantes com relação à este acontecimento inevitável.

Foi por medo de encarar a morte, essa passagem tão mal contada da nossa vida, que nutri uma história de fascínio pelo assassino e crimes de assassinatos, o que me fez ir em busca de fotografias de assassinos na revista Veja. No decorrer do trabalho, descobri que meu medo não era da morte em si, e sim da morte ainda estando vivo. Medo da apropriação de nossos corpos ainda com vida, medo do canibalismo social.

A disciplina EP 162 - Currículo e Escola, ministrada pela professora Elizabete Monteiro de Aguiar Pereira, foi conduzida de forma a nos fazer refletir sobre nossa memória pessoal, pois é ela que vai nos influenciar na prática docente, na escolha ou confecção do currículo, daí nossa necessidade de aprender a dialogar com nossa história.

Assassinato, medo da morte, violência, foram imagens fortes da infância que me deixaram marcas e que, com o estudo para produção deste TCC tive oportunidade de me aproximar, dialogar, mesmo que em diálogos platônicos em algums momentos, e com isso sinto-me livre para exercer minha profissão sem todas as interrogações que carregava quando resolvi encarar este trabalho.

[5]Sonhos - Akira Kurosawa Japão:1990

Conclusão

> Hoje a inteligência da maior parte das pessoas está sendo formada (informada) pelos meios que produzem imagens-sons, como vimos anteriormente. Cabe um esforço para buscarmos algumas maneiras de análise/interpretação dessas imagens sonorizadas, como as do cinema. Almeida:1994:

Este trabalho teve como objetivo educar o olhar (o meu olhar) para as fotografias de assassinos na revista **Veja**, desde seu lançameto até 1985. Durante sua produção, estudei a história da fotografia e da fotografia para as primeiras revistas ilustradas no Brasil até chegar a que foi nosso objeto de estudo.

No período de pesquisa me dei conta do meu "analfabetismo"diante das imagens fotográficas, nada de anormal, pois não somos educadas a ver significados nas imagens de revistas ou outros veículos de comunicação. De início fiquei indignada por ser uma componente do universo imenso de pessoas às quais a educação do olhar é ignorada, seja por falta de interesse dos agentes educativos, seja pela nossa própria inércia.

Acordar o olhar para as fotografias de assassinos, foi uma tarefa prazerosa e dolorida. Prazerosa pois descobri um mundo fascinante, que apesar de está diante dos meus olhos eu não conseguia ver. Dolorida porque, as fotografias de assassinos me remetem a um período da infância e da adolescência que acreditava ter resolvido, mas que só me dei conta no decorrer dos estudos para esse TCC, o que fez com que precisasse de um tempo extra para processar as idéias que se perdiam em diálogos platônicos.

Julgando ser a situação de homicídio muito complexa, não me detive em fazer uma análise profunda sobre o tema, apenas do uso da fotografia em reportagens da *Veja* onde encontrei fotos feitas para ilustrar e dar força ao texto.

Encontrei fotos ilustrando o mito relativo a imagem do assassino, como um vilão que também é herói. Este ganha força quando é conveniente, como no caso do bandido e assassino Lucio Flavio. Quando não apenas domestica o olhar sobre quem é o assassino, negros, pobres e malvados. Assim a foto pode ser utilizada como um elemento contendo uma carga mítica mediadora de possíveis interpretações.

Temer o assassino ou a própria morte não impede que as pessoas dela se aproximem,

a literatura e artes no geral cumprem a função de fazer esta ponte entre morte e vida, e enquanto o segredo for inacessível haverá novas formas de se explorar questões envolvendo o assunto.

Uma das formas é conferir uma característica capaz de identificar o criminoso, para isso a literatura, cinema e os veículos de comunicação são muito eficientes, a tempos cumprem o papel de educar as inteligências, como bem disse Almeida.

Resta-nos acordar o olhar.

...essa pesquisa não teve fim, continua com você ...

Referências

ANDRADE, Ana Maria Mauad de Sousa. Sob o signo da imagem: a produção da fotografia e o controle dos códigos de representação social da classe dominante no Rio de Janeiro na primeira metade do século XX. Tese apresentada ao curso de Mestrado em História da Universidade Federal Fluminense.

CASOY, Ylana. Serial Killer Louco ou Cruel - São Paulo: Editora WVC, 2002.

CASOY, Ylana. Serial Kiler Made in Brazil - São Paulo: Editora ARX, 2004.

KOSSOY, Boris. Hercules Florence - 1833: a descoberta isolada da Fotografia no Brasil. São Paulo: Editora Duas Cidades, 1980 / Faculdade de Comunicação Social Anhembi - São Paulo 1977

Fotografia - Manual completo de arte e técnica - Time-Life / Abril Cultural - 1978

BUSSELE, Michel. Tudo sobre fotografia. São Paulo: Editora Círculo do livro, 1977

ACCIOLY Netto, Antônio. O Império de Papel: os bastidores de O Cruzeiro. Porto Alegre: Editora Sulina, 1998.

MORAES, Fernando. Chatô: o rei do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CARVALHO, Luiz Maklouf. Cobras Criadas David Nasser e o Cruzeiro. 2 ed. São Paulo: Editora SENAC, 2001.

Aconteceu, virou Manchete - Ana Maria Ribeiro de Andrade e José Leandro Rocha Cardoso Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 21, nº 41, p. 243-264. 2001

CARTA, Mino. Castelo de Âmbar. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000. Pro-posições Campinas v.10 n.02 julho de 1999. p.13 A educação visual da memória imagens agentes do cinema e da televisão

BENJAMIM, Walter. Pequena história da fotografia, in Obras escolhidas, vol.01 São Paulo: Editora brasiliense, 1985.

BARTHES, Roland A camera clara . Notas sobre a fotografia Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984.

GURAN, M. Linguagem fotográfica e informação. Rio de Janeiro:Rio Fundo, 1992.

CALDEIRA, Teresa. Cidade muros. São Paulo: Editora Edusp, 2003.

COPPOLA, Gabriela Domingos. Cinena e morte no cinema Campinas:2002 Trabalho de conclusão de curso

BOSI, Eclea. Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: Editora Companhia das letras, 1994.

LYRA, Roberto. A fução social do crime. Rio de Janeiro: Editora Forence, 1958.

FONTACUBERTA, Joan. Vidência e Evidência. Revista Imagens, n.07, Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, agosto, 1996.

BARROS, Valdenira. Instantâneos do tempo - Fotografia e memória na viagem de trem. Campinas : Tese de mestrado Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas: 2004.

BORGES, Paulo Humberto Porto. Fotografia, história e indigenismo: a representação do real no SPI. Campinas: Tese de doutorado Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, 2003.

COUTINHO, Laura Maria. O estúdio de televisão e a educação da memória. Campinas: Tese de doutorado Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, 2001.

MIRANDA, Carlos Eduardo Albuquerque . A educação da face: o cinema e a expressão das paixões. Campinas: Tese de mestrado Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, 2000.

MIRANDA, Carlos Eduardo Albuquerque. Uma educação do olho: as imagens a sociedade urbana, industrial e de mercado. Cadernos Cedes, ano XXI, nº 54, agosto/2001

CERQUEIRA, Daniel e LOBAO, Waldir. Determinantes da criminalidade: arcabouços teóricos e resultados empíricos. Dados, 2004, vol.47, no.2, p.233-269.

BEATO F., Cláudio, PEIXOTO, Betânia Totino e ANDRADE, Mônica Viegas. Crime, oportunidade e vitimização. Rev. bras. Ci. Soc., jun. 2004, vol.19, no.55, p.73-89.

AUGUSTO, Maria Helena Oliva. Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo. Rev. bras. Ci. Soc., fev. 2002, vol.17, no.48, p.216-222.

ZALUAR, Alba. Um debate disperso: violência e crime no Brasil da redemocratização. São Paulo Perspec., jul./set. 1999, vol.13, no.3, p.3-17. Rev. bras. Ci. Soc.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Fotografia e interdito. Rev. bras. Ci. Soc., fev. 2004, vol.19, no.54, p.129-141.

SAMAIN, Etienne e MENDONCA, João Martinho de. Entre a escrita e a imagem. Diálogos com Roberto Cardoso de Oliveira. Rev. Antropol., 2000, vol.43, no.1, p.185-236

LEITE, Míriam Lifchitz Moreira. Imagens da memória (entre o legível e o visível). Rev. Antropol., 2000, vol.43, no.2, p.235-238.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. As transformações da imagem fotográfica. Rev. Antropol., 1998, vol.41, no.2, p.7-19

VILACA, Aparecida. Fazendo corpos: reflexões sobre morte e canibalismo entre os Wari' à luz do perspectivismo. Rev. Antropol. 1998, vol.41, no.1

ALVAREZ, Marcos César. A criminologia no Brasil ou como tratar desigualmente os desiguais. Dados, 2002, vol.45, n.4, p.677-704. Rev. bras. Ci. Soc.

ALMEIDA, Milton José de. Cinema Arte da Memória. Campinas: Editora Autores Associados, 1999.

ALMEIDA, Milton José de. Imagens e sons. Campinas: Editora Autores Associados, 1994.

ABRAMOVICH. O Sadismo da Nossa Infância. São Paulo: Summus Associados, 1981.

PEREIRA, Elizabete M.A.,Curriculo Humanístico - www.lite.fae.unicamp.br

NOGUEIRA, Vinicius S.B. Novo Jornalismo e Revista Realidade: Um estudo sobre o jornalismo literário brasileiro. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2004.

HUMBERTO, Luis. Fotografia, a poética do banal. Brasília: Editora da UnB, 2000.

LEFÈVRE, Beatriz Vampre. Livros de fotografia : historia, conceito e leitura. Campinas : Tese de mestrado Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas: 2003.

de São Paulo Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Câmara Brasileira do Livro: São Paulo, 1998.

SABBATINI,Renato M.E. PhD O cérebro do psicopata - Almas Atormentadas, Cérebros doentes Revista Cérebro e Mente Campinas, 1988, n.7.

FILHO, Adalberto L. A realidade em revista: A revista realidade, a memória dos jornalistas de uma publicação revolucionária (1965-1968). Trabalho de Conclusão de Curso, USP, São Paulo, 1997.

Revistas Veja Período 1968 à 1985

http://www.radiobras.gov.br/

Museu do Crime Academia de Polícia "Dr. Coriolano Nogueira Cobra"

Aquivo Edgar Leuenroth Centro de Pesquisa e Documentação Social da Unicamp.